

NATIONALBIBLIOTHEK
IN WIEN

156538-A

NEU-

Österreichische Nationalbibliothek



+Z256004904

156538 - A

3

ESPECTRO DA FLORESTA

Vista a censura, póde ser levado á scena
em qualquer theatro a — ESPECTRO DA FLO-
RESTA —.

Côrte, 22 de Fevereiro de 1854. O presi-
dente do Conservatorio Dramatico Brasileiro,

DR. DIOGO SOARES DA SILVA DE BIVAR.



ESPECTRO DA FLORESTA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

PELO

Dr. C. J. Gomes de Souza



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos , 61 B

1856

ILL.^{mo}. E EX.^{mo}. SR.

BARÃO DE MAROIM.

Ha um objecto santo que adoro acima de tudo quanto é do mundo e que póde merecer-me a dedicação dos mais puros e profundos affectos d'alma; é a minha patria, é especialmente aquella pequenina mas abençoada porção da terra aonde encetei o curso da vida e que se chama Sergipe.

Que ella um dia se alevante do entorpecimento moral e material em que até hoje tem existido, para tambem representar no meio das provincias brasileiras um papel importante que a conceitue vantajosamente na opinião social e politica das suas irmãs decanas, tornando-se dest'arte mais um pharol que aponte ao paiz na estrada do progresso os

verdadeiros germens do seu futuro engrandecimento , é o voto mais ardente que elevo a Deos nas horas em que me preocupão gravemente os futuros destinos daquella , na frase e conceito de muitos , tão pobre , tão insignificante fracção do Brasil.

E' tambem esse o voto intimo da vossa alma em favor da nossa mal aquinhoada provincia , que tão alto reclama de seus filhos o decidido empenho de arranca-la do torpor em que se abysma e fazê-la compartilhar as graças e os beneficios de que tão copiosamente se aquinhoão algumas outras provincias do imperio.

Sempre esquecida , necessitando sempre de todos e de tudo , Sergipe, em tempos que não mui remotos vão, era a pobre orphãa desamparada , victima das seducções de dous rivaes que unicamente buscavão saciar nella os seus desejos desenfreados , fartar-se da sua belleza e depois deixa-la enganada em mais triste, em mais cruel desamparo ainda. Mercê de Deos porém , ha alguns annos a esta parte , o seu máu fado já vai mudando de aspecto , um novo horizonte lhe promette , risonho de esperança , dias de paz e de felicidade , desde que vós , compenetrado dos seus mais sagrados interesses , tomastes a peito defendê-los empenhadamente , vindo ella dest'arte a ser o talisman encantado do vosso amor, a virgem mimosa das vossas adorações com quem prodigalisais mil cuidados e desvelos que a opinião cega e apaixonada de alguém não tem podido

nem sabe aquilatar, muito menos ainda render-lhes o culto de respeito que se deve aos grandes caracteres e aos grandes sentimentos.

Entretanto, como um desmentido solemne, como um protesto eterno contra tudo quanto tenha dito ou possa por ventura dizer ainda um ou outro individuo que, alheio ou indifferente aos interesses mais palpitantes de Sergipe, ao seu bom ou máu estado de cousas, ali vai sómente aventurar com o fim de tudo ganhar e nada perder, para depois, satisfeitos os seus fins, mal contente ainda, entrar na analyse dos vossos actos civis e administrativos, dando-lhes uma significação iniqua que os abastarda, que os adultera no seu espirito e na sua indole, como um protesto eterno, digo, contra tudo isso que talvez não dictão senão mesquinhos e injustos resentimentos, ali está, além de outros muitos outros factos que bem alto falarão sempre em vosso abono, a encarnação viva dos vossos sonhos de felicidade para Sergipe, ali está a formosa Aracaju quasi no bello desalinho da natureza ainda, mas em toda a plenitude de seus encantos, a mirar-se feiticeira e languida á margem do rio e sorrindo para a grandiosa imagem do seu porvir que parece estar nelle se reflectindo tão bello como repousa ainda na mente de Deos !.

Amigo vosso pela consciencia do bem que aspirais aquella provincia eu, que nada posso em favor della, desejo ao menos dar-lhe um

fraco testemunho de muito bem que lhe desejo, testemunhando-vos a poderosa e sympathica attracção moral que a communhão dos mesmos principios politicos e a identidade dos sentimentos que ambos nós por ella nutrimos , me faz sentir por vós que , altamente collocado , podeis e effectivamente procurais promover o seu progresso , a sua prosperidade.

Não podendo por outra maneira , pois , demonstrar-vos a alta consideração e estima em que vos tenho, tomo a liberdade de offerecer-vos a minha primeira producção litteraria neste genero , fructo pecco e semsaborão de um talento esteril ; dignai-vos de aceita-la assim mesmo , sem outro valor mais do que a intenção com que vo-la offerece este que tem a honra de assignar-se

De V. Ex.

Amigo respeitador

Constantino.

Cóte 21 de Julho de 1856.

PERSONAGENS DO DRAMA.

AFFONSO DE MELLO—O ESPECTRO DA FLORESTA—, 70 annos.

JERONYMO DE ALBUQUERQUE, fazendeiro rico, 54 annos.

FABRICIO, disfarçado em criado dos Albuquerquees sob o appellido de—Braço-forte—, 46 annos.

ROBERTO, filho de Affonso, empregado publico, 25 annos.

JACINTHO, filho de Eduardo de Albuquerque, 27 annos.

EDUARDO, irmão de Jeronymo, fazendeiro rico, 53 annos.

CARLOS, carcereiro, sobrinho de Affonso, 29 annos.

ALFREDO, marido de Henriqueta, empregado publico, 30 annos.

HENRIQUETA, filha de Affonso, 21 annos.

FRANCISCO, filho de Affonso—Chico-cutilada—, 20 annos.

JULIA, filha de Jeronymo, irmã bastarda de Henriqueta, 16 annos.

ADELAIDE DE FREITAS, filha de uma viuva, fazendeira muito rica por nome Leonor de Freitas.

MIGUEL-ASTUCIA }
JOAQUIM-PUNÇA } peitos-largos dos Albuquerquees.
JOSÉ-CAPOEIRA }

Soldados, bandidos, homens.

ACTO I.

O ASSASSINO PROTECTOR.

Acto I.

O theatro representa vista de sala ricamente decorada em casa de Jeronymo de Albuquerque.—Portas e janellas lateraes e uma porta ao fundo. São 6 horas da tarde, de quando em quando relampeja e ouvem-se trovões ao longe.—Ao erguer-se o panno está Fabricio passeiando em scena e logo entrando Roberto do lado direito.—A scena passa-se em um arrabalde do Ceará denominado—Jardim.

SCENA I.

FABRICIO E ROBERTO.

ROBERTO.

Podeis continuar, Sr. Fabricio ; o infame Jeronymo sahio ; ninguem virá perturbar-nos agora. Sentemo-nos. (*Sentão-se.*)

FABRICIO.

Bem... dizia eu que tinha dezeseis annos quando entrei para o serviço de vosso pai, o qual pouco tempo depois de eu viver em sua casa, consagrou-me uma amizade franca, sincera e cordial. Dahi por diante sempre o acompanhei satisfeito por esses sertões afóra. Depois da sua desgraça fui offerecer-me ao serviço do Sr. Eduardo que logo fez-me alistar no bando dos seus peitos-largos, com o appellido de—Braço-forte.

ROBERTO.

Porém como é que, tendo sido vós tão amigo de meu pai, vos fostes offerecer ao serviço do irmão de Jeronymo e ainda vos conservais em sua casa?

FABRICIO.

Nada mais tenho feito, ha vinte annos, do que espreitar noite e dia o menor dos actos desses dous grandes sceleratos, adivinhar o mais secreto dos seus pensamentos para ir communica-los a um respeitavel ancião que espera comigo o momento da vingança. (*Levanta-se e Roberto igualmente.*) E esse momento enfim chegou; um novo e monstruoso crime os vai derribar para sempre.

ROBERTO.

Que novo crime é esse?

FABRICIO.

É a vossa morte, é a perdação de vossa irmã. Os Albuquerque machinão terrivelmente contra a vossa vida e contra a honra da Sra. D. Henriqueta.

ROBERTO.

Como sabeis?

FABRICIO.

Por tal fórma tenho sabido representar o meu papel que elles hoje depositão em mim a mais cega confiança; por isso sou eu o encarregado de assassinar-vos. Bem sei que é este um papel de traidor que represento junto áquelles miseraveis; mas é tambem este o meio unico de acabar com o crime, quando o crime é prepotente e póde fugir ás vistas ou illudir a vigilancia da justiça humana, mas nunca da justiça divina.

ROBERTO.

E que pretendeis fazer, Sr. Fabricio?

FABRICIO (*enternecido*).

Eu ameí muito vosso pai, senhor; por isso acredi-

tai que, emquanto neste velho peito palpitar um resto de vida, com prazer o hei de expôr pelos filhos daquelle que me fez sentir quanto vale uma verdadeira amizade.

ROBERTO (*commovido*).

E quem é esse desconhecido ancião de que me fallastes ha pouco ?

FABRICIO.

É um amigo de vosso pai e que jurou, como eu, vingá-lo ; é um velho como já hoje não se encontra mais e que depois da infamia do Sr. Jeronymo desconfiou de todos os homens e foi habitar nas florestas virgens. — Eu hei de apresentar-vos a elle.

ROBERTO (*com interesse*).

Quanto antes, Sr. Fabricio ! Que desejo tenho de conhecer esse grande homem ! Hoje mesmo se fôr possível...

FABRICIO.

É quando quizerdes ; estou prompto a acompanhar-vos até onde elle está.

ROBERTO.

Não tenhamos demora, vamos. (*Vai sahindo pela esquerda baixa ao tempo que um escravo; entra e accende as luzes; ao voltar o escravo entra Henriqueta pela direita alta.*)

SCENA II.

OS MESMOS E HENRIQUETA.

ROBERTO.

A proposito vieste, Henriqueta. Muito tenho a communicar-te mais logo ; vou primeiro á rua e volto breve. — Jeronymo já veio ?

HENRIQUETA.

Entrou agora mesmo e fechou-se em seu quarto. Parece-me estar hoje de bem máo humor ; a cara... ninguem lhe póde olhar.

ROBERTO.

Pois eu já venho ; não te retires daqui. Vamos, Sr. Fabricio.

FABRICIO (*ao partir*).

Aos pés de minha ama e senhora.

HENRIQUETA.

Adeos, meu bom velho. (*Vão-se.*)

SCENA III.

HENRIQUETA. (*Sentando-se n'uma cadeira de braços.*)

A mão do Senhor se estende pesada e ardente de vingança e maldição sobre a minha cabeça. (*Pausa breve, depois continúa.*) Pudesse um raio de profetica inspiração fazer-me penetrar na noite de horrendo mysterio que precede ao meu nascimento, que envolve a minha vida e no meio das suas trevas apontasse-me o germen do infortunio que com tão estranha força carrega sobre mim ! Se eu pudesse !...

(*Entra Carlos pela esquerda baixa.*)

SCENA IV.

HENRIQUETA E CARLOS.

CARLOS (*com ar sentido*).

Henriqueta , adeos !

HENRIQUETA.

Carlos, como estais ?

CARLOS.

Ah!... como pôde estar um desgraçado que vê cada dia cerrar-se mais e mais a noite do seu futuro e aprofundar-se debaixo dos pés o abysmo em que tem de cahir breve?

HENRIQUETA.

Carlos, tremo por vós toda a vez que vos ouço fallar assim; meu primo, por Deos, não vos deixeis vencer por tão louca paixão.

CARLOS (*com ar sombrio e voz profunda*).

Henriqueta!... se vós sentissemos o que eu sinto, outra fôra a vossa linguagem. Não sabeis o que é amar sem esperança; desconheceis a natureza do amor que consagro a Julia; é o fogo do inferno que me devora o peito; é um amor capaz de me arrastar aos mais tremendos desvarios. (*Estremecendo.*) Oh!... sim... deveis tremer por mim, tendes razão, porque amo louca e desesperadamente a Julia e Julia será minha.

HENRIQUETA.

É impossível, Carlos! Ignoraes, por ventura, quanto são orgulhosos esses Albuquerquees? O pai de Julia não consentiria jámais que a desposasseis ainda mesmo que ella vos amasse com extremo.

CARLOS (*com abatimento*).

Sómente porque sou pobre!... É pois a pobreza o mais infamante de todos os vicios, de todos os crimes? As mais bellas qualidades moraes do homem são nada quando o homem é pobre! Um carcereiro é um ente desprezível, tenha tido elle embora uma educação muito acima do emprego que as circumstancias más o obrigarão a aceitar! Injusta e mesquinha sociedade!

HENRIQUETA.

Desgraçadamente assim é para a maior parte dos homens; e nem sei se tempo houve em que deixasse a riqueza de sobrelevar a todos os mais bellos dons do espirito. Portanto, visto como ante a sociedade é um absurdo, um impossivel semelhante amor, meu primo, tratai de abafa-lo no peito, de vencer-vos a vós mesmo.

CARLOS (*freneticamente*).

Calai-vos, calai-vos. . . Aquelle que vive ditoso não sabe avaliar nem comprehender as dôres do desgraçado. Cada palavra vossa é um punhal em brasa que me dilacera o coração.

HENRIQUETA (*com riso amargo*).

Chamais-me ditosa, Carlos!!.. É que eu não vos faço sentir quanto soffro para não vos envergonhar de serdes homem e mostrardes fraqueza diante de uma mulher que sabe supportar corajosa o peso da mais estranha desventura. . . A sociedade nos obriga a sermos hypocritas até das dôres; riamos no meio das dôres.

CARLOS (*com interesse*).

Pois tambem soffreis, Henriqueta? Sois infeliz tambem? (*Entra Roberto pallido, com a cabeça inclinada para terra, sombrio, e, sem fallar com os que ali estão, senta-se na cadeira de braços como absorto.*)

SCENA V.

OS MESMOS E ROBERTO.

HENRIQUETA *a* Carlos.

Nada falleis a Roberto. . .

CARLOS.

Que!? Pois elle ignora os vossos soffrimentos?

HENRIQUETA.

Tenho-lhe occultado a causa da minha infelicidade para não causar a sua perdição. Eu conheço o character arrebatado de meu irmão.

ROBERTO (*levantando-se*).

Minha Henriqueta...

HENRIQUETA (*assustada*).

Que vos aconteceu, meu irmão?

CARLOS (*á parte*).

Convém retirar-me. (*Alto a Roberto.*) Roberto. ...

ROBERTO.

Carlos!... estavas aqui?... Tão abstracto entrei que não te vi... perdoa-me.

CARLOS.

Nada ha que perdoar-te... Estava para retirar-me quando chegaste; portanto consente que me retire, adeos...

ROBERTO.

Até logo... (*Vai-se.*)

SCENA VI.

ROBERTO E HENRIQUETA.

HENRIQUETA (*sentando-se*).

Dizei-me o que ha, Roberto.

ROBERTO (*tambem sentando-se*).

Lembra-te ainda a morte mesquinha e triste de nossa mãe?

HENRIQUETA.

Sim! Bem pequenina era eu então; mas me parece estar ainda vendo-a n'um canto da casa, toda desgrenhada, olhos scintillantes, faces uncegradas, braços de esqueleto e sempre estendidos para diante como repellindo alguém cujo nome não cessava de proferir e que dos ouvidos descia-me ao coração como uma lembrança do céu, como uma saudade vaga. . . . E sempre assim, sempre assim, Roberto, até que um dia. . . ah! nunca mais eu vi a pobre louca. . . Foi quando deixámos de ter mãe.

ROBERTO (*com raiva concentrada*).

Quando já não tínhamos pai também, porque tinha cahido victima do punhal do mais infame de todos os homens.

HENRIQUETA (*com ancia e levantando-se*).

E esse homem quem é?

ROBERTO (*igualmente levantando-se*).

Jeronymo de Albuquerque, o assassino de Afonso de Mello, o assassino de nosso pai, Henriqueta. (*Breve pausa em que fica absorto.*)

HENRIQUETA (*á parte*).

Céos! era este o mysterio que eu debalde procurava decifrar. . . . (*Para Roberto.*) Continuai, Roberto. . . .

ROBERTO.

Pobre, tendo por unico thesouro o seu trabalho, vivendo em companhia de uma esposa e tres filhinhos, por elle extremosamente amados, nosso pai não se poupava a sacrificio algum para manter com honra a sua familia. Era marchante e cos-

tumava a ir a Pajaú-de-Flôres comprar gado para matar aqui no districto do—Jardim.—

HENRIQUETA (*sentando-se*).

Deus! Dai-me valor para ouvir semelhante historia até o fim e depois mandai-me a morte....

ROBERTO.

Depois de cinco annos breves, mas de completa ventura em que viveu com sua mulher e seus filhos, emprehendeu uma ultima viagem a Pajaú. Pelos máos resultados dos seus negocios teve de demorar-se lá mais tempo do que pretendia. No emtanto, para eterna vergonha de todos nós, tinha elle partindo, deixado, para em sua ausencia velar sobre a sua familia, um miseravel traidor a quem dava illudido o nome de amigo. De volta á sua casa encontrou a morte, e nós, infelizes orphãos, ficámos expostos á furia do tigre que, já tendo devorado-lhes o pai, se prepara agora para devorar-lhe os filhos, um dos quaes o infeliz nem chegou mais a ver. Francisco chamava-se o nosso irmãozinho que havia ficado no berço quando nosso pai emprehendeu aquella desastrada viagem.

HENRIQUETA.

E que é feito delle?

ROBERTO.

Disse-me Fabricio que quando entrou ao serviço dos Albuquerque já não o encontrou; soube sómente que o tinhão dado para educar fóra, mas nunca lhe disserão aonde, de maneira que não se sabe delle. (*Fica pensativo alguns instantes.*)

HENRIQUETA.

Proseguí, meu irmão.

ROBERTO.

Quatro annos depois da morte do infeliz , tinhas então cinco annos , uma noite sahio o traidor a passeiar com a nossa pobre mãe. Ebríos de amor e de felicidade dirigião seus passos ao acaso. O luar no meio de um céu sem nuvens fulgurava immovel como um olhar de infinita reprehensão que houvesse Deos fitado sobre os criminosos. Entretanto elles caminhavão até que pararão fronteiros a uma floresta ; ao clarão da lua crêrão ver passar por diante de si, parar immovel, olhar fito, fito para elles o espectro de Affonso de Mello que lhes bradou :—A vingança de Deos não tardará , tremei. — E apenas isto disse , desprende uma gargalhada que roçou estridente os ouvidos de ambos, retumbou desabrida sobre suas cabeças, extinguiu-se pelas solidões do espaço e o espectro desapareceu.

HENRIQUETA (*tremula*).

Oh ! o que dizeis é horrivel , muito horrivel.

ROBERTO.

Nossa pobre mãe, reconhecendo aquella voz, deu um grito e desmaiou; após a sua queda uma ave negra piou lugubre nos ares e veio tombar a seus pés. A desditosa, ao ver isto, perde de todo os sentidos, o infame enfia de horror e deita a fugir deixando a desventurada sózinha, estendida em terra, alta noite, no meio de um descampado. Poucos instantes depois uma risada de louco é o annuncio de que ella tem voltado a si; dispara a correr perdida pelos campos. A infeliz estava effectivamente louca ! Nessa occasião, passando alguem que a conhecia talvez, compadecendo-se della, trou-

xe-a para casa onde sabes o fim que teve. (*Entra Julia apressada da direita alta.*)

SCENA VII.

OS MESMOS E JULIA.

JULIA.

Henriqueta, que doloroso golpe sobre o vosso coração!

HENRIQUETA.

Que novo martyrio é este além de tantos já?

JULIA

(*tomando Henriqueta pelo braço e indo com ella á janella da esquerda.*)

Vosso marido... tomou para este lado. Ali vai passando, Henriqueta!

HENRIQUETA

(*depois de vê-lo, cahindo na cadeira.*)

Meu Deos! Alfredo! Ah!...

ROBERTO (*sahindo*).

Que significará isto? (*Sahe.*)

SCENA VIII.

HENRIQUETA E JULIA.

JULIA.

Não desesperéis, Henriqueta; tende confiança em Deos, que um dia, condoendo-se das suas creaturas, lança um termo aos seus soffrimentos.

HENRIQUETA.

E esse termo chegará mais cedo ou mais tarde, Julia. (*Levanta-se.*) Na terra peregrinão os homens tanto tempo quanto lhes ha Deos prescripto e segundo a importancia da missão que lhes impôz.

Quando essa missão está preenchida , quando elles achão-se já cansados do seu mais ou menos longo peregrinar pelos abrasados areaes deste deserto a que chamamos vida, então Deos lhes aponta um leito em que vão dormir uma noite só, mas uma noite de perpetuo somno. Pois nesse leito, onde perpetuamente se dorme, é que irei breve descansar de tantos e tão longos soffrimentos , minha Julia.

JULIA.

Que mudança é esta, Henriqueta? Muito vos estranho ouvir-vos fallar assim ! vós tão alegre sempre, vós que parecíeis viver tão ditosa !. . .

HENRIQUETA (*com riso amargo*).

Ditosa! Todos me chamão ditosa!... É que ninguem sabe o que por aqui se passa. (*Mão no peito.*) É que sempre tenho devorado em segredo, uma por uma, todas as minhas lagrimas, suffocado no peito todos os meus suspiros e estudado um riso hypocrita para os labios, porque o chorar que todos veção é fraqueza, é covardia e eu não soffrerei que me chamem de fraca e de covarde ainda debaixo do peso do mais tremendo infortunio.

JULIA.

Talvez exagereis os vossos soffrimentos, minha irmã.

HENRIQUETA.

Ai! Julia! Deos vos preserve sempre do vendaval de dôres que ruge solto e desabrido sobre esta alma. Praza aos céos que nunca o destino contra vós tão desapiedadamente se conspire, porque então saberíeis que para a pobre Henriqueta a vida é uma longa tortura. (*Entra Jeronymo pela di-*

reita baixa. Henriqueta ao vê-lo estremece, recua um pouco e exclama:) Que pretenderá elle!?

SCENA IX.

AS MESMAS E JERONYMO.

JERONYMO (*affectadamente affavel*).

Muito breve foi hoje o teu passeio da tarde pelo jardim, Julia. Desconfio que já te vais desgostando delle.

JULIA.

Não tenho motivo para isto, meu pai; deixei-o hoje mais cedo porque...

JERONYMO (*interrompendo-a*).

Viste passar Alfredo e vieste assustar a tua irmã suppondo que elle corre perigo. Nada de te assustares, Henriqueta.

HENRIQUETA (*á parte*).

Hypocrita infame!

JULIA.

Ouvistes, Henriqueta? agora posso ir alegre pedir a Mãe de Deos que dissipe a tempestade. (*Sahe pela direita; Jeronymo como está, preocupado de Henriqueta, esquece de fechar a porta por onde Julia sahe; lança os olhos em roda da scena com ar sinistro, depois fita-os em Henriqueta.*)

SCENA X.

JERONYMO E HENRIQUETA.

HENRIQUETA (*á parte*).

Preparemo-nos para a luta.

JERONYMO.

Muito já tenho eu soffrido os teus desprezos e em um momento mais que os soffresse me importaria a morte; entretanto não estou resolvido a morrer ainda. Bem vêes que, para vencer-te, lancei mão do ultimo recurso. Escolhe: ou o teu amor ou a morte de teu marido.

HENRIQUETA (*sarcastica e altiva*).

Miseravel, que demonio te inspira tanta malvadeza?

JERONYMO (*tambem sarcastico*).

O mesmo demonio que te inspira tanto orgulho, pobre mulher desvalida.

HENRIQUETA (*com desdem e rindo-se*).

Por Deos que o teu estado mais me excita a compaixão que o odio.

JERONYMO (*furioso*).

Tem compaixão de ti, tem antes compaixão do teu marido e abate a frente no pó diante do teu senhor, desgraçada; de joelhos... (*Força-a a ajoelhar-se.*)

HENRIQUETA.

Só dobrarei os meus joelhos diante de ti para pedir-te a morte. (*Ajoelha-se.*) Agora, eis-me prompta, desfecha o golpe, assassino, mata-me.

JERONYMO (*com raiva concentrada*).

Ainda não; quando eu estiver farto de gozar-te matar-te-hei; depois Alfredo te seguirá.

HENRIQUETA (*erguendo-se com violencia*).

E onde está Deos que não te ha de punir, miseravel? Sim... podes mata-lo, mas Alfredo não

ha de baixar ao tumulto deshonrado por sua mulher e Deos não deixará que o crime triumphe da innocencia.

JERONYMO.

Tresloucada, immenso é o poder dos Albuquerquees. . .

HENRIQUETA (*altiva e tranquillá*).

E acreditais que eu tremo diante do vosso poder? Não. . . O que a isto me poderia obrigar fôra o medo da morte, e bem vêdes que eu não a temo. Portanto que me importa a mim todo o vosso poder?

JERONYMO (*no auge da raiva*).

Que te importa todo o nosso poder? Nunca um Albuquerque desejou que a despeito de tudo não realisasse os seus desejos, por mais caprichosos, por mais impossiveis que parecessem. Portanto hei de possuir-te a despeito do teu insensato orgulho, ainda que para isto seja preciso subir ao cadafalso. (*Assoma ao fundo Alfredo embuçado.*)

SCENA XI.

OS MESMOS E ALFREDO (*embuçado*).

ALFREDO (*desembuçando-se*).

E não longe estais do cadafalso, Jeronymo de Albuquerque, assassino de Affonso de Mello!

HENRIQUETA (*á parte*).

Ceos! Alfredo! (*Correndo a elle*.)

JERONYMO (*á parte*).

Traição! . . .

ALFREDO (*encaminhando-se lentamente para Jeronymo*).

Tremei diante dos filhos da vossa victima que debaixo da lagem eterna do seu sepulchro brada por vingança ; e vingança saberei tomar inteira e tremenda.

JERONYMO (*investindo-o*).

Como é que vieste , miseravel?...

ALFREDO (*interrompendo-o*).

Não me esperaveis por certo ; acreditaveis que a esta hora poderieis estar tranquillamente rindo-vos do marido emquanto lhe insultaveis a mulher. Bem vêdes que errado fostes, porque eu podia contar com o carcereiro e evadir-me da cadeia.

JERONYMO.

Pudeste escapar da prisão , não escaparás do punhal. (*Investe com o punhal alçado , Alfredo segura-lhe no braço aparando o golpe e o desarmando obriga-o a ajoelhar-se.*)

ALFREDO.

É de joelhos que um vilão como vós deve fallar aos filhos da vossa victima, é de faces cozidas com a terra que um assassino...

JERONYMO (*ajoelhando-se*).

Perdão , perdão...

ALFREDO.

Para sceleratos como vós não pôde haver perdão... (*Arranca do punhal, Henriqueta segura-lhe no braço e ajoelha-se.*)

HENRIQUETA.

Que quereis fazer, meu amigo ?

ALFREDO.

Abrir-lhe o peito , trincar-lhe o coração , beber-lhe o sangue.

HENRIQUETA.

Um crime ! oh ! . . . envergonhar-me-hei de ser vossa esposa desde o momento em que mancharvos o crime, Alfredo. Se quereis ser digno de mim sêde generoso com este miseravel. . . (*Solta-lhe o braço e levanta-se. Alfredo arrojando para longe o punhal corre a abraça-la.*)

ALFREDO.

Tens razão, Henriqueta ; esta não é a vingança que merece elle. (*Para Jeronymo.*) Para vingarme do que me haveis feito soffrer, senhor, não basta a lamina de um ferro cravado em vosso coração. Em cada minuto da vossa vida um seculo dos mais estranhos tormentos , eis o que me bastaria. . . (*Passa ao fundo uma voz cantando em lugubre toada ; a tempestade vai-se tornando mais forte.*)

Dos teus horrorosos crimes
Soffrerás pena severa ;
No meio da praça erguido
O cadafalso te espera.

O peso do teu orgulho
Céo e terra não toléra ,
Assassino , treme, treme
Que o cadafalso te espera.

(*Ao escutarem esta toada, Jeronymo se horrorisa e treme, Henriqueta aproxima-se assustada de Alfredo.*)

HENRIQUETA.

Céos ! . . . Que escuto ?

ESP.

2

JERONYMO.

Aquella voz !... Ha vinte annos a mesma voz e o seu spectro !... Quem o foi erguer do seu leito de morte para perseguir-me ?

ALFREDO.

(a Henriqueta apontando para elle).

Como o remorso punge-lhe os seios da alma !
(Ouvem-se gritos fóra do lado esquerdo ; Jeronymo tem cahido n'uma cadeira como absorto ; Henriqueta e Alfredo correm á janella da esquerda.)

VOZ FÓRA.

Não o deixem escapar ; segurem o golpe.

HENRIQUETA.

Que será isto, Alfredo ? Olha como tremo de medo ?

ALFREDO.

Nada posso distinguir na escuridão da noite.

JERONYMO

(levantando a cabeça e respirando).

Será sonho ! ? *(Ouvem-se os gritos mais distintamente.)*

VOZ FÓRA.

Morre, infame !

JERONYMO

(dando uma gargalhada sardonica e levantando-se).

Triumphei !

HENRIQUETA.

Parece a voz do Sr. Jacintho.

ALFREDO.

Se a voz é delle, Roberto é a victima. *(Alfredo*

sahe; e apenas vai sahindo pela esquerda alta ouve-se o seguinte:)

VOZ FÓRA.

Já não nos atemorisas mais, Roberto.

SCENA XII.

JERONYMO E HENRIQUETA.

JERONYMO (*com ironia*).

O que é que ouvistes, Sr.^a D. Henriqueta?

HENRIQUETA (*com desesperação e sahindo da janella*).

É a vossa obra execranda que se completa, é o vosso infame sobrinho que acaba de assassinar meu irmão. (*Vai outra vez á janella.*) Roberto!... quem o soccorre?!... (*Voltando e sahindo pela direita baixa.*) Meu Deos! dai-me forças! (*Apenas Henriqueta sahe, entra Jacintho pela esquerda baixa.*)

SCENA XIII.

JERONYMO E JACINTHO.

JACINTHO (*desembuçando-se*).

Então, meu tio, gostastes do bom desempenho?

JERONYMO.

Nunca pensei que tão prompto fosscis em desempenhar semelhante tarefa.

JACINTHO.

Ora eu lá durmo em negocios desta ordem. Estavamos ahi fóra, como havíamos ajustado, a espera

de que elle entrasse ou sahisse. Eis senão quando elle que vem vindo. Braço-forte arremessou-se-lhe como um tigre sobre a presa, e quando nisto estava um grupo, de soldados apparece em soccorro do desgraçado ; mas Braço-forte apenas vê a luz dos archotes que elles trazião , grita para os companheiros:—Toca a debandar.—E todos fugirão quando Roberto já não era mais que um cadaver todo mutilado, como Braço-forte mesmo me disse. E eu vim correndo trazer-vos as boas novas.

JERONYMO.

Muito bem ; falta-nos agora Alfredo. Misera-veis.... Ora como vierão elles a descobrir um segredo tão escrupulosamente guardado e ha tantos annos?

JACINTHO.

Isto agora é o que nos não importa saber ; o que digo é que já não devemos temê-lo.

JERONYMO.

A menos que resuscite do inferno ! (*Assoma Roberto da esquerda alta.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS E ROBERTO.

ROBERTO.

Para Deos não ha impossiveis !

JACINTHO (*recuando*).

Céos ! elle !...

JERONYMO (*com sorpresa*).

Oh !...

ROBERTO (*avançando tranquillamente*).

Crimes ha tão estupendos, tão horrorosos ás vezes, que as suas victimas parece despedaçarem a lousa dos seus tumulos para vagarem na terra após o criminoso espreitando o momento da vingança.

JERONYMO (*no extremo do horror*).

Quem quer que sois, homem ou demonio dizei ao que vindes. . .

ROBERTO.

Prender-vos a vós, Sr. Jeronymo, a vós Jacintho de Albuquerque. (*Jacintho procura evadir-se, Roberto oppõe-se-lhe.*) Daqui não sahireis. (*Apita, entrão soldados.*) Prendei-os. (*Os soldados apodeirão-se de Jeronymo e de Jacintho.*)

JACINTHO (*tremulo*).

Socorro! socorro! . . .

JERONYMO (*resistindo*).

Maldição! . . . inferno! . . .

ROBERTO.

Sabei, Sr. Jeronymo, que Deos soffre muitas vezes que o scelerato vá por diante na carreira dos crimes emquanto não apparece na terra um instrumento digno da sua inexoravel justiça. (*Para os soldados.*) Levai-os. (*Os soldados os vão conduzindo; Jeronymo grita:*)

JERONYMO.

Julia, minha filha, vão separar-me de ti para sempre talvez. (*Vão desapparecendo pela esquerda baixa, quando pela direita baixa entra Henriqueta, vestida de luto, cabellos desgrenhados,*

acompanhada de Julia. Roberto está em pé em scena esperando que elles acabem de sair.)

SCENA XV.

ROBERTO, HENRIQUETA E JULIA.

HENRIQUETA (*abraçando Roberto*).

Roberto, meu irmão, eu já vos chorava morto.

ROBERTO.

Deos ainda não decretou a minha morte.

JULIA (*ajoelhando-se-lhe aos pés*).

Por amor de Henriqueta, por Deos, compaixão para meu pai, não o separeis de sua filha. (*Soluçando.*) Compaixão, compaixão, Roberto.

ROBERTO.

Deos, mandai o arrependimento ao coração daquelles infelizes. (*Cabe o panno.*)

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II.



O LIVRO DAS PROVAS.

Acto II.

—

O theatro representa vista de sala ricamente decorada em casa de Eduardo de Albuquerque.—Portas lateraes, um sofá no fundo, mesa redonda no meio da sala com o preciso para escrever.

SCENA I.

FABRICIO E AFFONSO DE MELLO.

(Affonso de Mello entra vestido de pelles com uma especie de viseira que lhe impede de ver o rosto; um chapéo de abas largas e embuçado.— Vem pelo braço de Fabricio da esquerda baixa.)

AFFONSO.

Donde vindes?

FABRICIO.

Fui chamar o vosso sobrinho que não tardará. Vamos a saber: Que haveis feito?

AFFONSO.

Toda a gente está prompta; seis homens commandados por Alfredo postei-os no fundo do quintal, defronte do portão e estes seis que vistes á porta da rua, á frente dos quaes devia de estar Roberto, eu os trouxe para o que puder acontecer.

FABRICIO.

E porque deixou de vir o Sr. Roberto?

AFFONSO.

Em consequencia da irmãa ter soffrido um ataque de febre pelos incommodos do dia, e ainda mais pelo sentimento de haver Eduardo mandado buscar para aqui Julia que era a sua consolação unica depois de Roberto.

FABRICIO.

Bem ; agora o que mais importa é que vos escondais porque o Sr. Eduardo não póde tardar em vir por aqui. (*Leva Affonso para a esquerda alta aonde o deixa occulto. Voltando á scena.*) Ora como poderá o pobre do Sr. Eduardo desconfiar de mim, prestando-me eu de tão boa vontade a tudo quanto elle quer? Manda-me que mate a fulano. . . oh ! pois não, meu amo, promptamente. E vou eu corro a dizer aos da minha panellinha : « Saibão que a taes horas da noite, em tal lugar tem de haver hoje uma morte ; e zás, quando chega a hora do fulano morrer acodem os meus de farda e catatau como soldados e prendem os matadores. » Braço-forte, vai chamar o carcereiro, quero vingar-me daquelle patife. » Não seja esta a duvida, meu amo, e largo-me a chamar o carcereiro sem lhe dizer para o que, mas antes disso tenho a cautela de chamar a mesma gatinha para acudi-lo em caso de aperto em que possa o pobre achar-se. E afinal de contas é o Sr. meu amo que me fica ainda restando. (*Ouve tropel, cala-se, vai á porta da esquerda espia e volta.*) Caluda! . . . elle ahi vem ! (*Entra Eduardo.*)

SCENA II.**EDUARDO E FABRICIO.**

EDUARDO.

Então, que disse Carlos ?

FABRICIO.

Que poderia dizer ? que já vinha , ficou-se apromptando.

EDUARDO.

Não mostrou repugnancia em vir ?

FABRICIO.

Não tanta que pudesse resistir ás razões que lhe apresentei.

EDUARDO.

Ora com effeito, não posso comprehender como pôde escapar com vida o infame do Roberto.

FABRICIO.

Era cousa muito facil estando a noite escura como breu : de mais a mais é diabo de uma força desmedida ; lutei muito tempo com elle, e quando me dispunha a sangra-lo acudirão os soldados dos quaes o meninorio teve a habilidade de arvorar-se ali mesmo em commandante para prender vosso filho e vosso irmão... Mas livre-se elle de eu pilhalo outra vez.

EDUARDO.

Já podíamos estar livres d'elle, entretanto que a esta hora está talvez rindo-se de nós.

FABRICIO.

Ria-se de nós ou chore elle, pouco importa; não é isto em que meu amo deve estar pensando. O que me faz dar volta ao miolo é que em todo este negocio anda traição e traição muito fina.

EDUARDO.

Sempre andas com isto. (*Pensativo.*) Verdade é que eu algumas vezes não deixo de pensar tambem assim, tanto mais quando me recordo daquella viuva.

FABRICIO.

Pois é precisamente este facto que dá-me a convicção de que entre nós algum traidor se esconde, seja elle quem fôr. Como se explica o desaparecimento daquella viuva que tinheis encerrada com tamanha cautela em um quarto cujas chaves nem a mim proprio confiaveis?

EDUARDO.

Effectivamente é um caso celebre! E nunca mais se soube o fim della!... (*Depois de pausa breve.*) Mas eu acredito que se alguém nos estivesse atraçoando já de ha muito feito era de nós.

FABRICIO.

E eu não penso assim, principalmente quando com esta idade muito já tenho eu visto e aprendido do mundo.

EDUARDO.

Se pudessemos descobrir o traidor...

FABRICIO.

Eu prometto que elle ou ha de apparecer, ou deixarei de me chamar Braço-forte. Amanhã tudo se decidirá. (*Entra Carlos, Fabricio a um aceno de Eduardo se retira.*)

SCENA III.

EDUARDO E CARLOS.

CARLOS.

Estou ao vosso dispôr.

EDUARDO.

Sr. Carlos, mandei-vos pedir o favor de chegar á nossa casa para tratar comvosco sobre um negocio de alta importancia.

CARLOS.

Fallai, Sr. Eduardo.

EDUARDO.

Não resta um momento a perder, e pois eu serei breve e claro. (*Sentão-se.*) Hontem forão presos Jeronymo e Jacintho de Albuquerque; o primeiro meu irmão, meu filho o segundo. A todo o preço quero a liberdade de ambos.

CARLOS (*levantando-se*).

Foi para me insultardes, para me propôrdes uma infamia que me mandastes chamar, senhor?

EDUARDO (*levantando-se*).

Não vos insulto, nem proponho-vos infamia alguma; peço-vos apenas. . .

CARLOS (*interrompendo-o*).

Basta, senhor, nem mais uma palavra.

EDUARDO.

Quantas eu vos quizer dizer, haveis de ouvir, uma por uma, até que chegemos a um accordo; reparai no emtanto que estais em minha casa, em casa de Eduardo de Albuquerque.

CARLOS.

Eu bem previ que para semelhante fim me haviéis mandado chamar a taes deshoras; mas o vosso infame criado soube astuciosamente varrer-me d'alma todos os receios, dizendo-me que ha tantos annos vós, gozando de excellente reputação em toda a provincia, serieis incapaz de um acto que, de leve ao menos, puzesse em duvida no conceito dos vossos concidadãos a vossa probidade; que o fim unico de me haverdes mandado chamar era o recommendardes ao meu zelo o vosso irmão e o vosso filho. Bem tarde, porém, me arrependo de haver dado credito ás palavras daquelle miseravel.

EDUARDO.

Prescindamos disto e vamos ao que importa. Sois moço ainda, solteiro, não tendes filhos; á luz das mais radiantes esperanças podeis dilatar as vossas vistas pela immensidade de gloria e de prazeres que ante os olhos vos abre o destino; deveis aspirar ás honras, aos titulos, ás riquezas; e riquezas, vós sabeis, senhor, que possuo tantas que uma pequena parte dellas póde assegurar-vos um futuro independente e grande.

CARLOS (*com dignidade e desprezo*).

Não vos comprehendendo. . .

EDUARDO.

Explicar-me-hei melhor. Dou-vos parte das minhas riquezas pela liberdade de Jacintho e Jeronymo.

CARLOS (*o mesmo*).

Podeis offerecê-las a quem vos aprouver; eu as desprezo, senhor Eduardo. A troco dos vossos

cabedaes, nem de todos os thesouros do mundo, não quererei jámais ver meu nóme vilipendiado, abatido no chão e confundido com a poeira da infamia; não quererei jámais sujeitar-me a ser o alvo da irrisão das turbas que no meio das praças, ao verem-me passar, dirão, apontando-me com o dedo: — Eis 'o miseravel que levou de rojo a sua honra e a foi pôr em leilão no mercado do crime.

EDUARDO.

Deixai-vos disso, senhor. Nomes são estes que não tem significação exclusiva, real. Um acto qualquer pôde ser indifferentemente reputado virtude ou crime segundo o valimento ou desvalimento da pessoa que o pratica. Entretanto este acto que vos aconselho pratiqueis, sobre garantir-vos uma vida radiante de gloria e de prazeres é altamente reclamada pela justiça do céo. Quando na terra o divino Joven Nasareno apregoava aos povos a doutrina de Deos, assim se exprimia: « Faze bem não olhes a quem. »

CARLOS (*ironico*).

Moralisais ás mil maravilhas, apesar das vossas miseraveis contradicções; entretanto perdeis o tempo, e demais sobre semelhante negocio, repito, nem mais uma palavra. (*Vai a querer sahir, Eduardo trava-lhe do braço.*)

EDUARDO.

Um momento mais e eu não vos tornarei a importunar. (*Vai á mesa, toca uma campainha.*)

CARLOS (*á parte*).

Quererá talvez empregar força armada.

SCENA IV.

OS MESMOS E FABRICIO.

FABRICIO.

Prompto....

EDUARDO (*a elle em segredo*).

Dize a Julia que a estou chamando, que não se demore. (*Sahe Fabricio.*)

SCENA V.

EDUARDO E CARLOS.

CARLOS.

Certamente mandastes chamar vossos escravos para me assassinarem e vós me tomardes as chaves da cadêa.

EDUARDO.

Não vos arreceeis de cousa alguma. Aqui tenho sómente este velho criado que acaba de sahir. Demais, se eu vos quizesse matar, elle e eu seriamos bastantes; porém não pretendo fazer-vos violencia. (*Julia entrando vê Carlos e fica sorprendida.*)

SCENA VI.

OS MESMOS E JULIA.

JULIA (*á parte*).

Céos! . . . Carlos! . . .

CARLOS (*á parte ao vê-la*).

Deos! amparai-me!

JULIA.

Que me quereis, meu tio?

EDUARDO.

Julia, eis o homem de quem depende a salvação de teu pai.

JULIA (*lançando-se aos pés de Carlos*).

Oh! . . . por quem sois! . . . (*Fica em extasi com as mãos postas.*)

CARLOS (*á parte*).

Céos! não poderei resistir-lhe! (*Alto e procurando levanta-la.*) Levantai-vos, senhora, nada posso em bem de vosso pai.

JULIA (*conservando-se de joelhos*).

De rojo aos vossos pés eu vo-lo supplico: salvai meu pobre pai.

CARLOS.

Deos! dai-me valor. . . .

JULIA (*continuando*).

Por Deos salvai-o; se para isto devo eu fazer algum sacrificio, ordenai e eu vos obedecerei como escrava, servir-vos-hei de joelhos, beijarei o rasto

dos vossos passos, deitar-me-hei n'um canto da vossa cozinha, n'uma enxerga rôta, no chão frio ; tudo, tudo farei, mas salvai meu pobre pai. (*Levanta se em pranto.*)

CARLOS (*tremulo e afflicto*).

Se de mim dependesse a vossa felicidade, acreditai que eu fôra ás ultimas raias da terra, com os pés descalços, escaldando-os sobre os areaes ardentes das estradas, rasgando-os sobre os seus agudos espinhaes, aspirando o pó abrasado dos desertos, lutando peito a peito com os leões e vencendo-os, eu fôra ao fim do mundo buscar vosso pai, traze-lo-hia aos vossos braços, bastando-me depois como unica recompensa da minha dedicação o riso ineffavel de felicidade que eu visse despontar em vosso rosto angelico, embora um momento depois eu morresse de fadiga aos vossos pés. (*Quebrando a voz com summa expressão de dôr.*) Mas eu nada posso, e agora cabe-me a vez tambem de supplicar-vos de joelhos piedade, compaixão para o pobre carcereiro ; não queirais arremessar-me ao abysmo do crime, senhora. (*Ergue-se arrebatadamente e investe para Eduardo.*) Vós é que sois o meu algoz, homem do inferno !

EDUARDO (*com voz irritada e lenta*).

Vós é que sois o verdugo desta infeliz donzella, homem sem piedade, sem coração.

JULIA.

(*Levantando as mãos e os olhos para o céu.*)

Ah! . . . meu pai, debalde pedi de joelhos compaixão para vós ; estais perdido, ireis morrer, mas por Deos que vossa filha não saberá sobreviver-vos !

SCENA VII.

EDUARDO E CARLOS.

EDUARDO (*á parte*).

Resta-me a unica esperança, o punhal.

(*Carlos apenas Julia sahe, cahê n'uma cadeira com ar de abatimento e depois de alguns instantes de silencio começa a murmurar.*)

CARLOS.

E pude resistir ao seu pranto que ardente cahio-me no coração e m'ò devora!...

EDUARDO (*á parte*).

Novas esperanças. . .

CARLOS.

O som da sua voz. . . ainda me rebôa n'alma como uma nota das harmonias do céo. Julia!... Julia!... o teu amor!...

EDUARDO.

Vós o possuireis, protesto. . .

CARLOS (*erguendo-se com transporte*).

Que dizeis? Julia?!

EDUARDO.

Será vossa esposa; isto nas vossas mãos está.

CARLOS.

Oh!... repeti mil vezes: Julia, por quem nutro uma paixão louca, frenetica, desesperada. . . Julia minha esposa?!... Eu possuindo o amor e o coração de um anjo?!... Oh!... não será isto um sonho?!

EDUARDO.

Uma realidade apenas queirais que o seja. Possuireis a mão de minha sobrinha.

CARLOS (*com abatimento*).

Oh ! para possuir a mulher que adoro será pois preciso um crime ?

EDUARDO.

O acto mais nobre, mais generoso que por ventura se tenha praticado.

CARLOS.

Jurai . . . jurai que não commetto um crime aos olhos de Deos dando a liberdade . . .

EDUARDO (*interrompendo-o*).

« Faze o bem , não olhes a quem , » disse Jesus Christo.

CARLOS (*com repugnancia ainda*).

Sr. Eduardo . . . entrego-vos as chaves.

EDUARDO (*á parte*).

Pude engana-lo finalmente. (*Alto.*) Deveis demorar-vos aqui , eu mesmo quero lá ir ter.

CARLOS.

Toda a cautela, senhor, senão estamos perdidos para sempre.

EDUARDO.

Descansai. (*Sahe pela direita baixa emquanto pela direita alta vai entrando Affonso de Mello embuçado que se encaminha lentamente para Carlos que o não vê.*)

SCENA VIII.**CARLOS E AFFONSO DE MELLO.****CARLOS.**

Julia! vou possuir-te emfim. Que me importão a mim todas as pompas, todas as riquezas da terra quando vou possuir o maior bem do mundo, o amor e o coração de um anjo? E poderia Deos dar-me semelhante recompensa por um crime? Não! Agora creio intimamente na sinceridade das palavras de Eduardo. (*Affonso já está perto, bate-lhe no hombro.*)

AFFONSO.

Não acrediteis. . .

CARLOS (*voltando-se rapidamente e recuando*).

Quem sois vós?

AFFONSO.

(*Voz profunda, lenta e desembuçando-se.*)

Quem sou eu? A victima da mais tremenda e injusta traição.

CARLOS.

E o que buscais aqui?

AFFONSO.

A vingança. . . mas a vingança nobre, generosa, digna de mim. Quero que um dia se faça justiça na terra; que a justiça, erguendo-se á sua devida altura, reassumindo a sua pureza e santidade, advogue empenhadamente a causa da innocencia perseguida, desmascare e aniquile o crime. Eis o que eu busco ardentemente como no deserto abrasado busca o peregrino um regato que lhe sacie a sêde consummidora.

CARLOS.

E que me importa a mim a vossa sêde horrivel de vingança ?

AFFONSO.

Hei de sacia-la , hei de vencer . . . sim . . . porque a minha victoria está escripta no céu , porque a causa que advogo é santa , porque tenho poder para isto e o meu poder emana de Deos em quem unicamente creio e confio. E Deos , a cujo aceno abatem-se thronos , anniquilão-se imperios , roja pelas ruas a purpura dos reis em tiras nas mãos da populaça frenetica e desenfreada , Deos a cujo querer treme a terra , o sol negreja , rola pelo espaço anoitecido a tempestade suspensa das azas bramidoras dos furacões e a natureza inteira parece entrar arquejante na noite horrenda de um cataclysmo , para reaparecer depois tão bella e radiante como no primeiro dia da sua criação , Deos , finalmente , para quem a eternidade é um minuto e o infinito um ponto , Deos guiará meus passos sobre a terra , qual dextro palinuro dirige fragil prancha pelo mar coalhado de parceiros ao porto de salvamento.

CARLOS (*impressionado*).

Oh ! . . . dizei , dizei quem sois ?

AFFONSO.

A espada de fogo por Deos despedida para abater , para fulminar a fronte orgulhosa dos tiranos desta terra do Ceará. E hei de fulmina-los . . . e aí delles ! . . .

CARLOS (*mais impressionado ainda*).

Fallai . . . dizei . . . o que quereis de mim ?

AFFONSO.

Quatro palavras por vós escriptas neste livro. (*Mostra o livro.*) Quero que declareis que, violentado por Eduardo, lhe cedestes as chaves da cadêa.

CARLOS (*recuando*).

Senhor!

AFFONSO.

Vacillais ainda? Isto mesmo que vos peço é para pôr-vos a abrigo da perseguição da justiça ante a qual depois vos farei apparecer innocente; portanto nada de vacillar, serei vosso decidido protector.

CARLOS.

Oh!... sim... vossas palavras me inspirão inteira confiança; cegamente me abandono á vossa generosidade. Estou prompto a fazer o que determinardes, senhor.

AFFONSO.

Muito bem. (*Vai sentar-se, escreve em um papel. Enquanto escreve, Carlos passeia e falla.*)

CARLOS (*á parte*).

Um grande e espantoso mysterio parece envolver os dias deste venerando ancião. Qual será o motivo da sua vingança contra os Albuquerque? Qualquer que seja, unir-me-hei a elle, ajuda-lo-hei a cavar-lhes a ruina. Monstros que me obrigãrão a commetter um crime pela primeira vez na minha vida. (*Pausa breve, depois continúa.*) Mas Julia!... Oh!... perdê-la-hei para sempre. (*Affonso acaba de escrever, entrega a penna a Carlos.*)

AFFONSO.

Escrevei. . . (*Carlos senta-se; lê baixo o papel e copia-o no livro. Affonso passeiando falla a parte emquanto Carlos escreve.*) Roberto, Henriqueta, Francisco. . . oh! Francisco, meu filhinho, que só tive a dita de vê-lo quando acabava de transpôr o limiar da vida. . . Francisco, que será feito de ti? Deos, dai-me forças para proseguir no duro desempenho da minha missão. (*Carlos acaba de escrever, entrega o livro a Affonso, que, depois de o ler baixo, diz:*) Exactamente. (*Vai á porta da esquerda.*) Entrai. (*Entrão seis homens.*)

SCENA IX.

OS MESMOS E SEIS HOMENS.

AFFONSO.

Assignai-vos neste livro como testemunhas. (*Indica o livro, todos assignão cada um por sua vez e na mesma ordem vão sahindo.*)

SCENA X.

AFFONSO E CARLOS.

AFFONSO.

Tendes ouvido fallar do espectro da floresta?

CARLOS.

Sim, senhor! Muitas e maravilhosas cousas contão-se desse ente mysterioso.

AFFONSO.

Pois é no seu escondrijo ou no seu tumulo, como

queirão chamar, que ireis esconder-vos, enquanto fôr necessario que escondido estejais.

CARLOS (*assustado*).

Que quereis fazer, senhor?

AFFONSO.

Abrigar-vos de qualquer perseguição. (*Vai levando-o á porta da esquerda; apenas ahí chega abre um grande relampago e logo após um trovão muito forte. Carlos recúa.*)

CARLOS.

Que tremenda noite! (*Ouveñ-se rumor e grítos da direita, fôra; Affonso embuça-se de novo, cala a especie de viseira e empurra Carlos para fôra.*)

AFFONSO.

Esses homens lá vos levarão. (*Affonso retira-se ao fundo, Eduardo entra do lado direito perseguido por seis homens de mascara em frente dos quaes está Alfredo.*)

SCENA XI.

AFFONSO, EDUARDO, ALFREDO E OS
MASCARAS.

EDUARDO (*entrando agitado*).

Ah!... soccorro! (*Cahe n'uma cadeira arquejante e quasi fôra de si; Affonso faz signal aos mascaras e estes retirão-se pela esquerda; fica sòmente Alfredo e Affonso.*)

SCENA XII.**AFFONSO , ALFREDO E EDUARDO.****AFFONSO.**

Não cumpristes fielmente as minhas ordens.

ALFREDO.

Um accidente imprevisto veio contrariar-nos o plano tomado. Apenas elle sahio acompanhado de Fabricio, em vez de tomar para baixo, tomou para o lado onde estavamos de emboscada; abriu um relampago e ao seu clarão pôde elle distinguir-nos; parou alguns intantes como receioso, depois voltou para a casa; então nós o acompanhámos.

AFFONSO.

E Fabricio?

ALFREDO.

Representou magnificamente o seu papel; deixou-se ficar atrás fingindo-se agarrado por alguns dos nossos e pôz-se a gritar que Eduardo o acudisse que o matavão; porém o tal Eduardo, coitado (*apontando*), quanto mais Fabricio gritava, mais corria e tamanho foi o susto que ainda está fóra de si.

AFFONSO.

Podeis esperar-me ahí fóra, Sr. Alfredo. (*Alfredo vai-se pela esquerda.*)

SCENA XIII.

AFFONSO E EDUARDO.

AFFONSO.

Tanto tem de malvados, quanto de cobardes todos estes infames Albuquerque.

EDUARDO (*tornando a si e levantando-se*).
Sceleratos... assassinos... onde estou?

AFFONSO.

Na presença de um homem que muito vos deseja fallar.

EDUARDO.

E quem sois?

AFFONSO.

Não vos importe quem sou, mas sim o que quero.

EDUARDO (*animando-se*).

E o que quereis pois?

AFFONSO (*sarcastico*).

Pedir-vos conta dos actos da vossa vida, poderoso fazendeiro e senhor absoluto do Ceará!

EDUARDO.

(*Em acção de querer arrancar-lhe a mascara.*)

Desmascarai-vos primeiro, miseravel, e dizei-me o direito que tendes para isto.

AFFONSO (*impedindo*).

Não procureis olhar-me o rosto, lerieis nelle a vossa sentença de morte.

EDUARDO.

Reparai que estais em minha casa ; gritarei por gente. . .

AFFONSO.

Para eu dizer a essa gente , Sr. Eduardo , que vós e o vosso infame irmão fostes os mata-dores do vosso tio Medeiros de Albuquerque para lhe roubardes as suas quasi innumeraveis riquezas ; que vós e o vosso infame irmão, depois de haverdes feito a infeliz viuva D. Leonor de Freitas nomear-vos zeladores da sua immensa fortuna a encerrastes em um quarto para ali morrer de fome, e cuja filhinha de quatorze annos, a desventurada Adelaide, mandastes assassinar porque n'uma noite de horrenda embriaguez e de crapula não quiz ella acceder aos vossos desejos de monstruosa lascivia, que vós e o vosso infame irmão. . .

EDUARDO (*interrompendo-o*).

As provas ?

AFFONSO.

Respondei primeiro :—Onde estão os tres individuos encarregados da morte de vosso tio ? Onde estão os outros tres por quem mandastes assassinar a desditosa Adelaide ? Acaso voltárão elles a receber de vós a recompensa da sua tenebrosa mensagem ?

EDUARDO (*tremendo de raiva e medo*).

As provas ? Quero as provas, miseravel calumniador.

AFFONSO.

Não tenho pressa em vo-las mostrar. Sabei primeiro tudo. Sabei que os seis ultimos indivi-

duos, de quem vos fallo, são os proprios que agora acabão de perseguir-vos até dentro da vossa casa e que eu soube com os meus exemplos e conselhos arreda-los da estrada do crime aonde os haveis arremessado. Sabei que D. Leonor de Freitas e a sua filhinha ainda vivem para um dia vos apparecerem como duas sombras evocadas do tumulto e vos amaldiçoarem.

EDUARDO

(como hallucinado, dando uma risada estrepitosa e estúpida.)

Mentistes ! . . .

AFFONSO.

Desgraçadamente para vós as provas que tenho não me deixão mentir. Ei-las ; são todas da natureza desta que agora mesmo acabo de conseguir de Carlos. *(Eduardo, lendo tremulo, cahe de joelhos.)*

EDUARDO.

Misericordia !

AFFONSO *(sardonico)*.

Já pedis misericordia ? ! Pois tê-la-hei de vós. Quereis que vos deixe de perseguir ?

EDUARDO.

Sim ; tende compaixão de mim . . .

AFFONSO.

Quereis a liberdade de vosso filho ?

EDUARDO.

Salvai . . . salvai meu filho.

AFFONSO.

Consentis então que todo o meu odio pese unicamente sobre o vosso irmão ?

EDUARDO.

Consinto.

AFFONSO.

Levantai-vos. (*Eduardo se alevanta, Affonso vai com elle á mesa.*) Declarai que tudo quanto neste livro se contém a respeito de vós, do vosso irmão e do vosso filho é verdade e depois assignai-vos.

EDUARDO (*atirando a penna sobre a mesa*).

Nunca... nunca...

AFFONSO (*indo á porta da esquerda*).

Pois para vós, para vosso irmão, para vosso filho o cadafalso.

(*Sem entregar o livro vai com elle á porta da esquerda, Eduardo corre após elle.*)

EDUARDO.

Oh!... não... não... Em tudo convenho, escreverei.

AFFONSO.

Escrevei, pois. (*Entrega o livro a Eduardo; este senta-se, reflecte um pouco, depois diz a Affonso pegando nas folhas do livro:*)

EDUARDO.

E se eu anniquilar estas provas?

AFFONSO.

Nada menos fareis do que posso fazer eu de vós que estais no meu poder.

EDUARDO (*á parte e com colera*).

Breve estareis tambem no meu poder, desgraçado. (*Escreve.*)

AFFONSO (*emquanto elle escreve*).

Apezar de tudo isto, meu coração como que me presagia que este homem não cumpre a sua palavra. (*Eduardo, acabando de escrever, levanta-se; Affonso lê baixo, depois diz alto.*) Desde já de claro que, se trahirdes a nossa convenção, estareis perdidos vós tres para sempre.

EDUARDO.

Podeis contar com a minha palavra; juro por Deos!

AFFONSO.

Agora mesmo podeis ir abrir as portas ao carcere de vosso filho. (*Neste momento estala um fortissimo trovão, cahe um raio que começa a incendiar o interior da casa de Eduardo; o clarão do incendio reflecte-se até o scenario; Julia entra da direita alta, pallida, desgrenhada e gritando.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS E JULIA,

JULIA (*em delirio*).

Meu pai! quem o soccorre?!

EDUARDO (*correndo para dentro*).

Incendio... incendio...

AFFONSO (*estremecendo ao ver Julia a parte*).

A filha do traidor e da perfida...

SCENA XV.

AFFONSO E JULIA.

JULIA.

Tudo eu sei, tudo Henriqueta contou-me hontem. (*Ouve-se novo trovão mais forte ainda.*) Não ouvis? É o pai de Henriqueta que a está chamando para o céu!

AFFONSO.

Deos! não me desampareis... Affonso de Mello, serás vingado. (*Affonso de Mello, dizendo isto sahe, Julia ouvindo o nome delle dá um grito e cahe. Desce o panno.*)

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

EIS O TRAIADOR.

ESP.

4

Acto III.

O theatro representa uma casa deserta á faldá de um monte com uma porta do lado direito que dá para o campo e outra do lado esquerdo que dá para um quarto em que estão Jeronymo e Jacintho. Ao fundo duas portas, uma á esquerda que deita para um outro quarto onde está Henriqueta, e á direita a porta que communica para um subterraneo aberto na base do monte e que vai ter ao meio da estrada. — É meia noite; Jeronymo apenas Henriqueta começa a cantar, sahe do seu quarto e vai lentamente se approximando da porta do quarto della, pára e põe-se a escutar.

SCENA I.

JERONYMO E HENRIQUETA.

HENRIQUETA (*cantando*).

Coração, porque tu gemes
E te desfazes em pranto?
Coração, não gemas tanto
Do teu prantear descansa;
Lisongeia as tuas dôres
C'o os sorrisos da esperança.

JERONYMO (*á parte*).

Lágrimas e só lágrimas é que hão de regar-te sempre as faces, desgraçada. (*Henriqueta vai sahindo, Jeronymo occulta-se no quarto á esquerda.*)
Ei-la, occultemo-nos. (*Entra no quarto.*)

HENRIQUETA.

Céos! . . . Quando terão fim tantos soffrimentos?
Que será feito de Roberto e de Alfredo? Talvez

agora mesmo sejam victimas do punhal dos Albuquerque, dessa nova e execranda familia de BORGHIAS. Oh!... meu Deus! dai-me valor para suportar o peso do seu odio.

JERONYMO (*sahindo do quarto*).

Debalde occultei-me de vós esperando ouvir-vos alguma palavra que me fizesse nascer no coração a esperança de me tornardes feliz; esperei debalde, sois sempre a mesma, sempre desprezadora, sempre altiva e orgulhosa.

HENRIQUETA (*á parte*).

Céos! ainda elle... por toda a parte a perseguir-me. (*Para elle.*) Senhor, que demonio vos trouxe aqui?

JERONYMO (*ironico*).

O pobre encarcerado de muitos annos, Henriqueta, recreia-se em recordar uma vida de liberdade e de prazer que já passou, mirando um raio de luz que o sol projecta pela fechadura da porta, ou por uma fresta da parede sobre o pavimento immundo da sua masmorra. Eu, pois, como o encarcerado de muitos annos, venho lembrar-me de um passado livre e ditoso, revendo-me no sol dos teus encantos, cujos raios escaldão-me o sangue e abrasão-me o coração.

HENRIQUETA.

Senhor, pelo amor que tendes a Julia, esquecei-vos de mim, já que vos esqueceste do papel de pai que sempre comigo representastes.

JERONYMO.

Bem quizera eu esquecer-te, Henriqueta; mas tu não sabes o que é o amor n'um peito de cin-

coenta e quatro annos, n'um coração que depois de morto reviveu á força do amor. Ama-me, Henriqueta, e vivirás no luxo, na pompa...

HENRIQUETA (*com altivez e dignidade*).

Eu desprezo e odeio a pompa e o luxo quando são accidentes do crime.

JERONYMO (*rindo-se*).

Sois bem singular nos vossos sentimentos, Sra. D. Henriqueta; são todos elles muito cheios de nobreza; emfim sois uma verdadeira heroína.

HENRIQUETA.

Pelo menos não sou um Albuquerque.

JERONYMO.

Pobre mulher desvalida, em que é te fias tanto? Como ousas insultar-me a mim que neste instante posso decidir do teu destino?

HENRIQUETA.

Matando-me; porém deveis de convencer-vos, senhor, que menos me horrorisa a morte, do que a vossa infernal presença. (*Dão na porta da direita tres pancadas, Jeronymo vai abrir, entra Henriqueta para o seu quarto e apparece Eduardo.*)

SCENA II.

JERONYMO E EDUARDO.

EDUARDO.

Que temos de novo por aqui?

JERONYMO.

Presentemente nada.

EDUARDO.

Que é de Jacintho?

JERONYMO.

Dorme a somno solto.

EDUARDO.

Braço-forte ainda não veio?

JERONYMO.

Não.

EDUARDO (*pensativo*).

Pois já tarda muito. (*Breve pausa.*) Nunca desconfiei tanto da minha situação. . .

JERONYMO.

E que motivo ha para semelhante desconfiança?

EDUARDO.

Pesa-me n'alma um receio vago. . . um medo. . . Oh!. . . aquelle maldito incendio transtornou-me todo, pôz-me o espirito de tal maneira. . . Demais, a gravidade do perigo não pôde ser maior; se não transpuzermos o abysmo de um salto, certo mediremos o seu fundo. . . (*Pausa brevc.*) Oh!. . . a quêda daquelle raio. . . pareceu-me um terrivel agouro. . .

JERONYMO.

Deixa-te de infundados receios; nada de esmo-receres agora. Dize-me: Fez grande estrago o incendio?

EDUARDO.

Não porque acudi logo. (*Batem na porta da direita outras tres pancadas.*)

JERONYMO.

Eis-ahi Braço-forte. Elle nos dirá se devemos ou não ter medo. (*Eduardo abre a porta, entra Fabricio.*)

SCENA III.**OS MESMOS E FABRICIO.**

FABRICIO.

Alviçaras, meus anos! Os caçadores da madrugada já voltão com a caça.

JERONYMO.

Estamos salvos!

EDUARDO.

Presos ambos?

FABRICIO.

O Sr. Roberto sómente; desta vez não pôde elle escapar-me das unhas; bem vê meu amo que o que eu prometto cumpro; prometti que se o pilhasse segunda vez havia de segura-lo e segurei-o.

JERONYMO.

Mas o Alfredo?

FABRICIO.

Este... o diabo parece que o avisou; por mais que o procurassemos, não pudémos encontra-lo e foi por causa disso que me demorei tanto.

EDUARDO.

Não importa; o que mais me interessava era a prisão do Roberto porque não foi outro senão elle quem hontem me obrigou a assignar-me naquelle amaldiçoado livro. Mas elle pagará. (*Para*

Jeronymo.) Jeronymo, com os homens que vierem escoltando Roberto, deveis ir collocar-vos no subterraneo para quando eu tocar a campainha acudirdes promptos.

JERONYMO.

Sim, mas antes disso vamos conversar um pouco sobre os meios de evadir-nos promptamente no caso de sairmos hoje victoriosos nesta luta.

EDUARDO.

É verdade. . . (*Para Fabricio.*) Braço-forte, espera aqui até que elles cheguem; apenas chegarem vai chamar-me lá dentro; não consintas que Henriqueta o veja. (*Para Jeronymo.*) Vamos.

FABRICIO (*admirado*).

Fallastes-me da Sra. D. Henriqueta! Onde está ella?

EDUARDO.

Naquelle quarto; não lhe falles do irmão, torno a recommendar-te.

FABRICIO (*enfudado*).

É escusado me recommendardes tanto, porque deveis saber quem eu sou, meu amo.

EDUARDO.

Comtudo. . .

FABRICIO.

Não tem comtudo, nem meio comtudo; o que eu estranho é que o meu amo não me tivesse encarregado, nem ao menos me fallado nisso. . .

JERONYMO.

Acabe lá com tantas queixas e deixe-nos, Sr. Braço-forte.

EDUARDO.

Quando deliberei-me a manda-lo chamar já te havia despedido em procura do irmão mais do marido. Não te descontentes, dei-te uma mensagem mais arriscada que bem prova a confiança que depozito na tua actividade e zelo.

FABRICIO.

E com isso mais escravo me tornais da vossa vontade, meu rico amo e senhor, cada vez mais humilde ás vossas ordens. (*Fazendo profunda reverencia. Eduardo e Jeronymo sahem.*)

JERONYMO (*sahindo*).

Nescio Roberto, que mal soubeste fitar o alvo a que atiravas.

FABRICIO (*a parte*).

Nescios Albuquerque, que mal sabeis qual o braço que vos arrasta ao precipicio. (*Eduardo e Jeronymo desaparecem pela esquerda, Fabricio vai ao quarto de Henriqueta.*) Guarde Deos a minha ama e senhora. (*Apparece Henriqueta.*)

SCENA V.

FABRICIO E HENRIQUETA.

HENRIQUETA (*com muito interesse*).

Sr. Fabricio, vós aqui?

FABRICIO.

Sim, senhora, para velar por vós e pelos vossos.

HENRIQUETA (*com mais interesse*).

Que sabeis de Roberto e de Alfredo?

FABRICIO.

Mais logo responderei sobre isto ; dizei-me primeiro : como viestes aqui ter ?

HENRIQUETA.

Hoje pela madrugada , mal vinhão rompendo as barras do dia , Roberto e Alfredo , chegando em casa , contarão-me que o Sr. Eduardo se havia conciliado connosco , protestando deixar de perseguir-nos , e apenas elles sabirão a ter com o velho amigo de meu pai , na floresta , onde elle habita , eis que recebo uma carta do Sr. Eduardo em que me dizia que Julia , achando-se gravemente enferma , desejava muito ver-me. Pelo que me havião contado Alfredo e Roberto , não vacillei um instante ; doente como eu estava , corri logo a vizitar Julia ; mas era uma traição que armava-me o infame , porque , não consentindo que eu fallasse á minha irmã , quando anoiteceu mandou trazer-me para este inferno aonde ignoro o destino que me espera.

FABRICIO.

Nada deveis temer , senhora , pois aqui estou eu , está Fabricio , velho e fiel criado de vosso pai ; confiai nelle.

HENRIQUETA.

Immensas são as provas da vossa boudade para com os desgraçados filhos de Affonso de Mello , para que eu deixe de confiar cegamente em vós...

FABRICIO.

Pois bem ; agora sabeis que o vosso irmão não tarda a chegar e o vosso marido veio comigo , mas deixei-o ali (*aponta para o subterraneo*) com seis homens da minha amizade que hão de acudir em

vosso soccorro , quando fôr preciso , em lugar dos seis peitos-largos que por ordem do Sr. Eduardo eu devia leva-los ao subterraneo, onde já deve estar o Sr. Jeronymo esperando um signal convencionado para acudir em soccorro do irmão.

HENRIQUETA.

E o que pretendeis fazer d'esses bandidos, Sr. Fabricio ?

FABRICIO.

Manda-los embora , dizendo que não se precisa mais delles ; assim , quando o Sr. Eduardo esperar que saião os seus espoletas, sahirão os meus amigos em vosso soccorro.

HENRIQUETA.

.Sr. Fabricio, Deos é quem ha de recompensar tantos favores.

FABRICIO.

Não se trata agora de favores , minha senhora ; mas unicamente de deveres. Dizei-me : se vós tivesses um ferro e vosso irmão quizesse matar um dos seus inimigos , o que farieis ?

HENRIQUETA.

Ajoelhar-me-hia a seus pés , pedir-lhe-hia pelas venerandas cinzas de Affonso de Mello que o filho não nodoasse de sangue o tumulo de seu pai.

FABRICIO.

Então consenti que eu vos faça este presente. *(Tira um punhal, beija-o, entrega-o a Henriqueta que instinctivamente o recebe).*

HENRIQUETA *(recebendo-o).*

Que quer dizer isto , senhor ?

FABRICIO.

Que deveis usar delle quando e como vos approuver. (*Vai-se retirando para a direita.*)

HENRIQUETA.

Escutai... um instante... (*Ouvem-se tres pancadas na porta da direita.*)

FABRICIO.

Ei-los que chegão; entrai para o vosso quarto enquanto vou chamar o Sr. Eduardo; entretanto peço-vos que a ninguem reveleis o occorrido entre vós e mim, e que por amor do vosso irmão guardéis o presente que vos acabo de fazer. (*Fabricio vai a sahir e na porta da esquerda encontra-se com Eduardo. Henriqueta, antes de Eduardo apparecer, entra para o quarto e cerra-o. A esse tempo tornão-se mais fortes as pancadas na porta.*)

HENRIQUETA

(*á parte entrando para o quarto.*)

Generoso Fabricio, Deos te recompensará.
(*Entra, cerra a porta.*)

SCENA VI.

FABRICIO E EDUARDO.

EDUARDO (*trancando a porta do quarto de Henriqueta.*)

Abri-lhes a porta.

FABRICIO (*abrindo a porta.*)

Entrai. (*Roberto entra acompanhado de Miguel-astucia, Joaquim-pança, José-capoeira e tres mais.*)

SCENA VII.

OS MESMOS , ROBERTO E SEIS BANDIDOS.

EDUARDO (*aos bandidos*).

Braço-forte vos ordenará para onde deveis de ir ; acompanhai-o.

FABRICIO.

E já ; nada de perder tempo. (*Vão-se.*)

SCENA VIII.

EDUARDO E ROBERTO.

EDUARDO.

Sêde bemvindo, Sr. Roberto ; eis-vos finalmente em poder das victimas sobre cujas cabeças amaldiçoadas pende a espada inexoravel de vossa vingança.

ROBERTO (*com altivez e ironia*).

Estou em vosso poder , é verdade , mas não tremo diante de vós.

EDUARDO (*rindo-se*).

Mas breve tremereis. Escutai primeiro : hontem para mais a vosso bel-prazer me insultardes e não serdes conhecido vos disfarçastes.....

ROBERTO.

Muito bem ; depois ?

EDUARDO.

E' que apesar do vosso disfarce , como vêdes , perfeitamente vos conheci.

ROBERTO (*zombando*).

Oh!.. sois maravilhoso; admiro a vossa penetração. Pois que assim me conhecestes, dissei-me em que vos posso ser útil.

EDUARDO.

Ordeno que me entregueis o livro das provas.

ROBERTO.

Não recebo ordens de infames, muito menos as sei cumprir; portanto, não vos entrego o livro.

EDUARDO.

Haveis de entregar-m'o, porque assim o quero, Sr. Roberto.

ROBERTO (*a sangue frio*).

Todo o vosso poder, toda a vossa malvadeza não serão bastantes...

EDUARDO.

Quanto vos enganais, Sr. ! Desgraçada a hora em que concebestes contra nós a idéa de vingança. Foi uma idéa monstruosamente louca.

ROBERTO.

Eu é que muitas vezes tremido tenho, Sr. Eduardo, antevendo o desastrado fim que vos aguarda, e nos meus olhos hei sentido borbulhar-me o pranto de compaixão por vós.

EDUARDO.

Compadecei-vos antes de vossa irmãa que ali tenho encerrada. (*Aponta para o quarto; Roberto estremece, volve-se rapido e murmura á parte.*)

ROBERTO.

Céos!... Fabricio traiçoou-me. (*Pausa breve.*)

Não é possível. (*Para Eduardo.*) Mentistes, miseravel!

EDUARDO (*voz compassada e rindo-se.*)

Desgraçadamente para vós, as provas que tenho não me deixão mentir. Foi assim que me respondestes, hontem, é assim tambem que respondo-vos hoje, e se ainda não acreditais eu vou chama-la. (*Vai á porta, abre-a; mas enquanto elle vai abri-la, Roberto tremulo e ancioso murmura.*)

ROBERTO.

Henriqueta no poder destes assassinos e Fabricio sem avisar-me!

EDUARDO (*tendo aberto a porta.*)

Sahi. (*Sahe Henriqueta.*)

SCENA IX.

OS MESMOS E HENRIQUETA.

EDUARDO.

Ei-la, Sr. Roberto.

HENRIQUETA (*correndo a abraçar o irmão.*)
Meu irmão!...

ROBERTO.

Henriqueta!

EDUARDO (*á parte.*)

Não resistirá. (*Alto.*) Já vêdes que fallo a verdade...

ROBERTO.

Mentis, mentis, cobarde, infame!... (*Investe*

para Eduardo que puxa pelo cordão da campainha, entra Jeronymo acompanhado de seis homens atraz dos quaes vem um vulto embuçado. Henriqueta vendo-os entrega o punhal a Roberto:

SCENA X.

OS MESMOS, JERONYMO, EMBUÇADO, E OS SEIS HOMENS *(que servirão de testemunhas no livro das provas).*

HENRIQUETA *(entregando o punhal).*
Defendei-vos, meu irmão.

ROBERTO *(aceitando o punhal).*
Por ti sómente, Henriqueta, sou capaz de affrontar o mundo inteiro.

EDUARDO *(investindo para ella).*
Desgraçada.

ALFREDO
(oppondo-se a elle e desembuçando-se).
Não ouseis toca-la, miseravel. . .

JERONYMO *(á parte).*
Alfredo ! . . .

EDUARDO *(recuando).*
Traição ! . . .

HENRIQUETA *(abraçando Roberto).*
Oh ! . . . estamos salvos, Roberto *(abraçando Alfredo)*, Alfredo.

EDUARDO *(para os seis homens).*
Matai-os.

ALFREDO.

Estes só obedecem á minha voz; não são instrumentos de morte.

ROBERTO.

Essa luta desigual e monstruosa entre a innocencia e o crime devia acabar por cahir vencido o crime e triumphar a innocencia. (*Para Henriqueta e Alfredo.*) Vamos, deixemo-los entregues á sua desesperação. (*Entrão os tres para o quarto em que estivera Henriqueta, e emquanto vão entrando Jeronymo diz á parte:*)

JERONYMO (*á parte*).

Cegos que á beira do despenhadeiro não lhe enxergais o fundo. (*Chama:*) Braço-forte! (*Este apparece pela direita.*)

SCENA X.

EDUARDO, JERONYMO, FABRICIO, E SEIS HOMENS.

FABRICIO.

Prompto.

EDUARDO

(*travando-lhe do braço e com raiva*).

Ou cumpre a tua promessa de hontem, ou arranco-te a existencia (*alça o punhal. Ouve se do lado direito e fóra:*)

« Ao crime guerra de morte ! »

FABRICIO.

Escutai! (*Termina o estrebilho:*) Victoria a nós,

ESP.

5

Braço-forte! «Eis o traidor!» Elles acabão de pronunciar-lhe o nome!

EDUARDO.

Tu, miseravel?! Pois morre! (*Vai desfechando o golpe, Fabricio apara-o e desarma-o.*)

FABRICIO.

Não é o vosso punhal que ha de matar-me.

EDUARDO (*cahindo n'uma cadeira*).

Ah!...

JERONYMO (*á parte*).

Salvemo-nos! (*Corre á porta do subterraneo encontra-a fechada.*)

FABRICIO.

Eu tive a cautela de tranca-la.

(*Jeronymo volta, vai á porta da direita ao tempo que ahí repetem o mesmo estrebilho, recua horrorisado.*)

JERONYMO.

Sempre elle!... (*Cahe em uma cadeira. Entra Affonso, os seis homens e soldados; apenas entrão repetem o estrebilho em scena.*)

SCENA XI.

**OS MESMOS, AFFONSO, HOMENS E
SOLDADOS.**

EDUARDO.

(levantando-se e encaminhando-se para o quarto).

Atraíçoados.... perdidos.... perdidos para sempre. .. antes a morte, ... a morte... *(Entra no quarto da esquerda, após elle entra Fabricio.)*

FABRICIO. *(entrando).*

Não os hei de perder de vista.

SCENA XII.

**AFFONSO, JERONYMO, HOMENS E
SOLDADOS.**

AFFONSO.

Eis chegado o termo das vossas ~~malvadezas~~, Jeronymo de Albuquerque!

JERONYMO *(levantando-se horrorizado).*

Demonio, espectro, o quer que és, deixa-me em paz, desce ao teu tumulo.

AFFONSO *(embuçado).*

Pedis-me a paz quando fostes vós que me declarastes a guerra! Ahi tendes a guerra... e recuaes de medo! *(Rindo-se.)* Jogastes mal, Jeronymo; perdestes, e eu que ganhei tenho direito de decidir, como quizer, da vossa vida, da vida do vosso

irmão e da do vosso sobrinho. Quero-os aqui.
(Fabricio sahe do quarto com Eduardo e Jacintho quasi a rastos.)

SCENA XIII.

OS MESMOS, EDUARDO, JACINTHO E
 FABRICIO.

FABRICIO.

Elles aqui estão!

JACINTHO *(gritando)*.

Aqui d'elrei! não me matem!

EDUARDO *(lançando-se aos pés de Affonso)*.

Pelo amor de Henriqueta, pelo amor de Roberto
 salvai-nos!

AFFONSO.

De Deos depende o vosso destino. Nada mais
 tenho sido que um instrumento da sua justiça eter-
 na. *(Cabe o panno.)*

FIM DO 3.º ACTO.

ACTO IV.



A REVOLTA.

Acto IV.

O theatro representa vista de campo; ao fundo uma floresta terminada por uma montanha acima da qual resplandece a lua.—São seis horas.

SCENA I.

ROBERTO, ALFREDO E FABRICIO.

(Todos vão entrando da direita lentamente e espreitando.)

FABRICIO.

Não tardaráõ; é sempre a estas horas que elles buseão este sitio para conferenciarem sobre os meios da revolta. Ha tres noites successivas que os acompanho sem ser visto delles; estou senhor do plano mais ou menos.

ROBERTO *(olhando para a esquerda)*.

Ali distingo uns vultos que para aqui se encaminhão.

(Fabricio e Alfredo olhão.)

FABRICIO.

Não ha duvida, são elles.

ALFREDO.

E já vem muito perto; escondamo-nos. (*Escondem-se atrás das árvores.*)

SCENA II.

JOSÉ-CAPOEIRA E JOAQUIM-PUNÇA.

JOAQUIM-PUNÇA.

Ora vamos a ver que medidas tem tomado o grande Miguel-astucia. Daqui a duas horas já devemos estar promptos para ás nove horas marcharmos.

JOSÉ-CAPOEIRA.

Com effeito! Quem diria que os nossos amos com toda a sua riqueza e poderio havião de ir morrer enforcados?

JOAQUIM-PUNÇA.

Que queres? Como não havia de ser assim tendo apparecido nos jurados aquelle tremendo livro com um horror de provas, de testemunhas e do diabo a quatro?

SCENA III.**OS MESMOS E MIGUEL-ASTUCIA.**

MIGUEL-ASTUCIA.

Viva a boa rapaziada!

JOAQUIM-PUNÇA e JOSÉ-CAPOEIRA.

Viva!

MIGUEL-ASTUCIA.

Então, animo, coragem! Nada de esmorecer; havemos de mostrar quem somos nós.

JOAQUIM-PUNÇA.

Que valente exercito sustentavão os dous mais ricos fazendeiros do Ceará!

JOSÉ-CAPOEIRA.

Havemos de amarrar o cão tihoso pelos pés e pelo rabo ainda que vamos parar no inferno.

MIGUEL-ASTUCIA.

Muito bem, muito bem. Gosto de ouvir fallar assim; pois é o que se quer. Vivão os Albuquerque!

JOAQUIM-PUNÇA e JOSÉ-CAPOEIRA.

Vivão!

JOAQUIM-PUNÇA.

Então que se resolve?

MIGUEL-ASTUCIA.

Que ás oito horas devemos ter promptas uma bandeira para içarmos nos mastaréos do navio em que tem de embarcar-se para o outro mundo os nossos amos.

JOSÉ-CAPOEIRA.

Qual deve ser a bandeira ?

MIGUEL-ASTUCIA.

As cabeças de Roberto, Alfredo e Fabricio.

JOAQUIM-PUNÇA (*batendo palmas*).

Muito bem, bellissimo ! isto só da cabeça de Miguel-astucia.

JOSÉ-CAPOEIRA.

Pois então, Sr. Joaquim-punça, hombros esquel-dos frente, dobrado, marcha !

MIGUEL-ASTUCIA.

Sabem vocês onde hão de procura-los ?

JOAQUIM-PUNÇA.

Ao pé daquella floresta onde dizem que ha vinte annos apparecêra ao Sr. Jeronymo, em noite de luar, o espectro de um certo Affonso de Mello. Muitas vezes os tenho encontrado para aquellas bandas, assim por essas horas ou mais cedo ainda.

JOSÉ-CAPOEIRA.

E não posso saber que negocio os chama para ali ?

MIGUEL-ASTUCIA.

Seja lá qual fôr o negocio ; o que importa é par-

tirem quanto antes para ás oito horas aqui se acharem promptos.

JOAQUIM-PUNÇA.

Partamos que já é tarde; a lua já está muito baixa; já está sobre a crista do monte. (*Para Miguel-astucia.*) Que rumo tomas?

MIGUEL-ASTUCIA.

Demoro-me aqui á espera de Chico-cutilada que deve trazer-me noticia das pequenas.

JOSÉ-CAPOEIRA.

Pois então até breve.

MIGUEL-ASTUCIA.

Boa caçada e que não se demorem muito é quanto lhes desejo. (*Vão-se. Apenas vão sahindo Miguel-astucia, pondo o dedo pollegar na ponta do nariz, abre os dedos e os move rindo-se.*)

SCENA IV.

MIGUEL-ASTUCIA só.

Coitados! Como são tolos que acreditão cegamente em quanta mentira lhes queira eu pregar. (*Pondo-se affectadamente serio.*) Senhor Miguel-astucia, não desminta o seu nobre appellido, toque para diante, que muito breve lhe affianço que estará Vm. campando ali de um grande senhor, fazendo honra á saudosa memoria dos Albuquerquees que Deus tenha (*com ar de contricção*) o mais breve possivel em sua santa gloria.

SCENA V.

MIGUEL-ASTUCIA E CHICO-CUTILADA:

CHICO-CUTILADA.

Alviçaras, Miguel-astucia! As duas pombinhas já estão engaioladas na casa deserta. Não deu-nos o menor trabalho; vinhão do banho quando as agarrámos.

MIGUEL-ASTUCIA.

E os companheiros que forão comtigo?

CHICO-CUTILADA:

Forão reunir-se aos feitores para ás oito horas aqui se acharem com a escravatura das quatro fazendas segundo lhes havia ordenado. (*Breve pausa tornando-se triste.*) Mas, Miguel-astucia, quero pedir-te um favor.

MIGUEL-ASTUCIA.

Vamos lá...

CHICO-CUTILADA.

Não sabes como senti no peito apertar-se-me o coração de dôr quando Henriqueta, olhando muito para mim, me disse: « Pobre menino! Tão joven ainda e já na carreira do crime! » Acredita que quasi chorei e estou aqui sentindo n'alma um peso que se parece com remorso. Por mal de peccados aquella outra mocinha fez-me ter saudades de uma bella menina que em outro tempo amei: (*Enterrecido e á parte.*) Adelaide, que será feito della, meu Deos?...

MIGUEL-ASTUCIA (*severo*).

Acabemos com essas lagrimas e saudades; diga-me que favor deseja pedir-me.

CHICO-CUTILADA.

Que ao menos poupes a vida de Roberto; basta já lhe termos roubado a irmã. (*Alfredo sahe pelo fundo tomando á esquerda sem ser visto dos dous.*)

MIGUEL-ASTUCIA.

Bravo! Nada menos pedes do que a minha perdição.

CHICO-CUTILADA.

Como a tua perdição?

MIGUEL-ASTUCIA.

Eu lhe conto, Sr. simplorio: O que eu pretendo nada mais é do que casar-me com aquella pequena que lhe fez ter saudades de outros tempos, montar-me na sua riqueza roubada pelos Albuquerque e por elles mesmos restituída á mãe della depois que os taes meus amos tiverão sentença de morte. Depois ou antes mesmo de casado mudar de nome e largar-me com a pequena para um paiz estrangeiro e lá viver como um lord. Ora, já vêes que o tal Roberto estando vivo e sabendo que passo com todo esse estadão, onde quer que eu esteja, ha de perseguir-me desesperadamente que para isto é elle como ninguem e o exemplo está nos Albuquerque, percebes? E ás duas por tres, e quando senão quando ahi está o meu Miguel-astucia com papeiras e quando menos esperar forca com elle, percebes? e isto é o que eu não quero nem por sonhos.

CHICO-CUTILADA.

E se te vais casar, para que levas Henriqueta ?

MIGUEL-ASTUCIA (*rindo-se*).

Como é curioso ! . . . Ora não tenho que lhe dar contas, minha criança.

CHICO-CUTILADA.

Pois se eu encontrasse Roberto. . .

MIGUEL-ASTUCIA (*vivamente*).

O que fazias ?

CHICO-CUTILADA.

Lhe diria que fugisse, que o procurão para mata-lo.

MIGUEL-ASTUCIA (*dando uma gargalhada*).

Pois nunca o has de encontrar senão no inferno, porque a esta hora certamente já deve elle estar morto e tu vais morrer agora mesmo.

CHICO-CUTILADA.

Miguel-astucia, tu me atraíças ? !

MIGUEL-ASTUCIA.

Assim como havias de atraíçar-me também se encontrasses Roberto. Ora é preciso que saibas que tu não foste mais do que um instrumento de que me servi para chegar aos meus fins ; e o instrumento quando não serve mais quebra-se ou joga-se fóra. Eu não desejo que fique viva uma só pessoa que me conheça ; aquelles desgraçados que acreditão poder salvar os Albuquerquees da forca, necessariamente ou hão de morrer todos

ou ser presos, que vem a ser o mesmo, os tres inimigos destes a estas horas já não existem e tu morrerás agora mesmo.

CHICO-CUTTLADA.

Miguel-astucia, poupa-me a vida, lembra-te da tua promessa.

MIGUEL-ASTUCIA.

O cumprimento da minha promessa e a tua vida são desnecessarias agora que vão morrer os Albuquerque.

CHICO-CUTILADA (*ajoelhando-se*).

Por Deos não me mates.

MIGUEL-ASTUCIA.

É preciso que morras... não posso poupar-te. (*Vai a desfechar o golpe; Roberto e Fabricio, que entrão lentamente durante a ameaça de Miguel-astucia, sem serem vistos pelos deus, achão-se proximos delles. No acto de Miguel-astucia desfechar o golpe, Roberto segura-lhe no braço.*)

SCENA VI.

OS MESMOS, ROBERTO E FABRICIO.

ROBERTO (*segurando-lhe o braço*).

Nem eu a ti, miseravel assassino.

MIGUEL-ASTUCIA (*horrorisado*).

Oh!... Roberto, Braço-forte!... (*Chico-cutilada quer fugir, Fabricio o impede.*)

FABRICIO.

Ficai ; não tenhais receio.

CHICO-CUTILADA (*á parte*).

Deos ! soccorrei-me !

ROBERTO (*tendo desarmado o bandido*).Sr. Fabricio , apoderai-vos deste bandido. (*Fabricio toma-o pelo braço e o conduz para o fundo.*)

FABRICIO.

Ora vamos, Sr. Miguel-astucia. — Afinal chegou a sua vez. . . .

MIGUEL-ASTUCIA (*gritando*).

Misericordia ! . . .

FABRICIO.

Deos a tenha da tua alma ! . . . (*Vai-se, alguns momentos depois vê-se Fabricio sahir por onde sahira Alfredo.*)**SCENA VII.**

ROBERTO E CHICO-CUTILADA.

ROBERTO (*com interesse*).

Mancebo, como é que ainda tão na flôr dos vossos annos já trilhais essa tenebrosa carreira ?

CHICO-CUTILADA.

Não é por meu gosto , senhor ; uma circumstancia horrivel foi que me arrastou a ella. — Uma tarde

tinha eu sahido a passeiar ao campo com o filho do Sr. Medeiros de Albuquerque, em cuja casa me criei, porque desde que nasci fiquei sem pai e mãe. No nosso passeio fallei-lhe de uma menina a quem muito eu amava, quiz elle saber quem era ella e como eu não lhe quizesse dizer, apesar das suas instancias, encolerisa-se por tal modo que, tirando de um canivete de mola, passa-me no rosto dando-me um grande talho cuja cicatriz é esta que vêdes (*apontando para o rosto*), e donde resultou-me o appellido de Cutilada. Eu vendo-me assim ferido não pude ter-me que não me botasse a elle que, comquanto mais robusto e maior do que eu, teve de fraquear e cahir; então, tomando-lhe o canivete, cravei-o no coração delle; minutos depois o filho do Sr. Medeiros era um cadaver. Tomado de excessivo terror, não procurei voltar mais á casa, embrenhei-me assim mesmo ferido nos matos, arreceiando-me da vingança do pai do morto que pela sua influencia podia fazer-me morrer enforcado.

ROBERTO.

Que idade tinheis então?

CHICO-CUTILADA.

Dezoito annos, e ha dous annos que isto aconteceu. Logo depois da morte do filho assassinarão o pai.

ROBERTO.

E como pudestes entrar ao serviço de Eduardo?

CHICO-CUTILADA.

Morrendo á fome eu penetrava por alta noite para furtar, nas roças alheias. No fim de anno e meio

desta vida errante pelas matas, uma noite já bem tarde eu furtava na roça do Sr. Eduardo umas raízes de aipim quando fui agarrado pelos seus escravos que logo me levaram amarrado á presença d'elle, o qual, não consentindo que me tirassem as cordas, mandou-me encerrar n'um quarto estreito e abafado aonde levei toda a noite n'uma horrivel desesperação, n'uma angustia infernal quasi a morrer suffocado. No dia seguinte fui conduzido ao seu gabinete aonde mandou que me deixassem só com elle. Então, reconhecendo em mim o matador de seu primo, disse-me que eu, ou havia de consentir em alistar-me no numero dos seus guarda-costas, ou elle me entregaria á justiça depois que me tivesse mandado surrar pelos seus escravos. Immediatamente abracei o primeiro partido. Dous dias depois foram presos os Albuquerque, de sorte que ha seis mezes vivo no meio de assassinos.

ROBERTO.

Conhecestes Braço-forte?

CHICO-CUTILADA.

Vi-o poucas vezes, porque sahio logo da casa do Sr. Eduardo.

ROBERTO.

Nunca ouvistes fallar dos vossos pais?

CHICO-CUTILADA.

Hontem foi que Miguel-astucia contou-me pela primeira vez a historia delles.

ROBERTO.

Que contou elle?

CHICO-CUTILADA.

Que meu pai era um pobre marchante que em volta de uma viagem que fez para o sertão foi assassinado por um sujeito.

ROBERTO (*ancioso*).

Não vos disse quem é o seu assassino?

CHICO-CUTILADA.

Perguntei-lhe muitas vezes, prometteu-me declarar quem elle era se eu roubasse vossa irmã e aquella mocinha que morava em vossa casa.

ROBERTO.

E para que desejaveis saber?

CHICO-CUTILADA (*com transporte*).

Para arrancar-lhe as entrânhas, para vingar meu pai. Era por isso que eu pedia cobardemente a vida áquelle miseravel.

ROBERTO (*com crescente interesse*).

Ha quantos annos é morto vosso pai?

CHICO-CUTILADA.

Ha vinte annos.

ROBERTO.

Chamava-se...

CHICO-CUTILADA.

Affonso de Mello...

ROBERTO (*abraçando-o*).

Francisco, Deos finalmente fez que eu te encontrasse! (*Soltando-se dos braços.*) Affonso de Mello

é nosso pai, é o pai de Henriqueta. (*Torna a abraça-lo.*)

FRANCISCO.

Deos!. . . Se não é um sonho, eu creio que deliro.

ROBERTO.

É a desaffronta de sua honra, é a vingança da sua morte o que hoje aqui nos reúne. Os Albuquerquees são os seus inimigos, o infame Jeronymo é o seu assassino.

FRANCISCO.

Roberto, Henriqueta!. . meus irmãos!. . Oh!. . através de mil punhaes que se alevantem contra mim corro a salvar Henriqueta. (*Vai a sahir, Roberto o detém.*)

ROBERTO.

Não é preciso, Alfredo já deve estar de volta com ella; tranquillisa-te, que breve terás de vê-la. Vamos fallar agora da virgem dos teus amores; nunca mais lhe soubeste noticia?

FRANCISCO.

Nunca mais soube até hoje.

ROBERTO (*rindo-se*).

Recusar-te-has tambem a dizer-me o seu nome como ao filho do tal Medeiros?

FRANCISCO.

Chamava-se Adelaide.

ROBERTO (*impressionado*).

Adelaide?! Filha de quem?

FRANCISCO.

De D. Leonor de Freitas.

ROBERTO.

Deos! incomprehensivel sois nos vossos desig-
nios! Adelaide de Freitas?!

FRANCISCO (*timido*).

O que sabeis della, Roberto?

ROBERTO.

Que breve estará com Henriqueta aqui.

FRANCISCO.

Que ouço? Aquella é Adelaide?! Bem m'ò dis-
seste, meu coração. Roberto, ainda vive D. Leonor
de Freitas?

ROBERTO.

Voltou hontem do Rio de Janeiro bastante en-
ferma, e, segundo affirmão os facultativos, poucos
dias tem de vida.

FRANCISCO.

Onde está?

ROBERTO.

Em nossa casa. (*Entra Fabricio, Alfredo, Henriqueta, Adelaide e soldados. Ao entrarem Fabricio e Alfredo vão com os soldados ao fundo e desaparecem entre as arvores. Henriqueta vai abraçar Roberto, e, vendo Francisco, recúa.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS, HENRIQUETA E ADELAIDE.

HENRIQUETA.

Roberto! (*Recuando.*) Ah!... Com quem estais conversando? (*Adelaide contempla attentamente a Francisco.*)

ADELAIDE (*á parte*).

Céos! não é possível...

ROBERTO.

Henriqueta, lembra-te haver eu fallado de um nosso irmãozinho que Affonso de Mello na sua ultima viagem deixára no berço e que ao voltar não encontrára mais?

HENRIQUETA

(*unciosa olhando attentamente para Roberto e Francisco.*)

Sim, depois?

ROBERTO.

Francisco chama-se elle. (*Adelaide estremece.*)ADELAIDE (*á parte*).

Oh! que sinto eu?

HENRIQUETA.

Acabai, Roberto.

ROBERTO.

Deos no-lo acaba de restituir. (*Aponta para*

Francisco.) É nosso irmão. (*Henriqueta corre a abraça-lo e elle faz o mesmo.*)

HENRIQUETA,

Francisco ! . . .

FRANCISCO.

Filha de Affonso de Mello, pela escabrosa estrada dos crimes corri a cahir nos vossos braços, nos braços dos meus irmãos. Mil graças, oh ! meu Deus ! (*Voltando-se para Adelaide.*) Adelaide, já vos esqueceste de mim ?

ADELAIDE (*correndo a elle*).

Nunca, meu Francisco ! (*Abraça-o.*) Ha dous annos que os meus pensamentos de todos os dias, que os meus sonhos de todas as noites eu vos consagro sem saber noticias vossas. (*Durante este tempo entrão Fabricio e Alfredo.*)

SCENA IX.

OS MESMOS, FABRICIO E ALFREDO.

FRANCISCO.

E a saudosa lembrança do teu amor, Adelaide, era a unica felicidade que o mundo podia offerecer ao pobre foragido no seio escuro das selvas em que vivia. (*Ouve-se ao longe uma voz cantando os dous primeiros versos da seguinte quadrinha cujos dous ultimos cantão muitas vozes respondendo.*)

Voltamos da caça
Sem uma só presa ;
Máo agouro é este
Para a nossa empreza.

ROBERTO.

São elles!

FABRICIO.

Ora ahi temos os caçadores mudados em caça e a caça em caçadores.

ALFREDO.

E o mais engraçado é elles mesmos estarem pre-sagiando mal para a sua empresa. (*Ouve-se de mais perto a mesma cantoria.*)

ROBERTO.

Henriqueta, cumpre que partais, não demorar-me-hei muito aqui.

HENRIQUETA.

Adeos, Francisco, breve tornar-nos-hemos a ver. (*Henriqueta e Adelaide apertão a mão a Francisco e vão-se acompanhadas de Alfredo.*)

SCENA X.

ROBERTO, FRANCISCO E FABRICIO.

FABRICIO.

Amarrei e açamei o patife do Miguel—astucia que nem tuge nem muge.

ROBERTO (*olhando á esquerda*).

Elles vêm muito perto. Francisco, debes aqui ficar; apenas elles aqui chegarem faze com que vão ter ali. (*Apontando para a floresta.*) Vamos, Sr. Fabricio. (*Ouve-se muito perto a cantarola e vão en-*

trando seis bandidos muito bebados a cantarolarem a mesma quadrinha. Francisco esconde-se apenas elles entrão.)

SCENA XI.

FRANCISCO, JOSÉ-CAPOEIRA, JOAQUIM-PUNÇA E QUATRO BANDIDOS.

FRANCISCO (*depois que elles calão-se*).

Então que temos de novo?

JOSÉ-CAPOEIRA.

É que nada fizemos; voltámos como fomos.
Brrr!

JOAQUIM-PUNÇA.

E está tudo goirado! (*Cantão.*)

FRANCISCO (*depois que elles cantão*).

Pois olhem, sem me arredar daqui, tenho-os fechados nas palmas das mãos.

JOSÉ-CAPOEIRA.

Olé! onde estão?

FRANCISCO.

Venhão cá. (*Leva-os para a floresta; depois de alguns instantes ouvem-se gritos, blasphemias e o nome de — Cutilada — pronunciado com raiva e acompanhado dos epithetos de traidor, infame, miseravel. Sahe Francisco e logo atrás Roberto.*)

SCENA XII.**FRANCISCO E ROBERTO.****ROBERTO.**

Assaz me tem custado a refrear a torrente de tantos crimes; entretanto o que mais hoje me atormenta é a desgraçada sorte dos Albuquerquees. Lutei contra elles emquanto os via fortes, agora na sua quéda compadeço-me delles.

FRANCISCO.

Deos terá misericordia delles, Roberto.

ROBERTO.

Cumpre agora não sacrificar tambem aquelles infelizes escravos que outra culpa não tem mais que a sua estupidez ou ignorancia.

FRANCISCO (*apontando para a esquerda*).

Ali, aquella mata é o lugar aprazado para a reunião delles; a estas horas já devem sem falta alguma estar esperando o signal da partida.

ROBERTO.

Vai dizer-lhes, como da parte de Miguel-astucia, que a execução dos Albuquerquees ficou transferida para outro dia; quando fôr occasião ha de manda-los avisar. Em conjuncturas taes o mentir é uma grande virtude; muita vez uma pequena mentira póde salvar uma grande nação. Vai. (*Francisco sahe pela esquerda; ao fundo, tomando á direita, sahem os seis bandidos inclusive Miguel-astucia. Soldados, e Fabricio atrás.*)

SCENA XIII.ROBERTO *só.*

Deos de infinita bondade , de immensa misericordia , com que palavras eu , misero mortal , poderei render-vos mil graças , mil louvores ! (*Entra pela D. A. Affonso embuçado.*)

SCENA XIV.

ROBERTO E AFFONSO.

AFFONSO (*desembuçando-se*).

O Creador não exige das suas creaturas mais do que a chamma ardente da fé purissima que a gratidão pelos seus divinos beneficios acende no fundo dos nossos corações.

ROBERTO.

Unico incenso que póde a mesquinha creatura offerecer digno da soberana magestade do seu Deos.

AFFONSO.

Já cansado de esperar por alguma noticia relativa a esta revolta , não pude ter-me , que não viesse até aqui para saber o que se tem passado. (*Vai entrando Francisco, Affonso recúa um pouco para o fundo embuçando-se de novo.*)

SCENA XV.**OS MESMOS E FRANCISCO.**

FRANCISCO.

Está tudo concluído, não puzerão a menor duvida. (*Dando com Affonso.*) Quem é esse, Roberto?

ROBERTO.

Um venerando ancião muito amigo de nosso pai, Francisco.

AFFONSO (*á parte e desembuçando-se*).

Céos! Francisco!...

FRANCISCO (*correndo a elle*).

Senhor!...

AFFONSO

(*indo abraça-lo e com voz commovida*).

Francisco, meu filho, aceita o legado de amor deixado por teu pobre e infeliz pai, que não teve o prazer de beijar as tuas faces frescas e rosadas entre as mantilhas do teu berço. Recebe este abraço, como se delle proprio o recebêras, meu filho. (*Levantando os olhos e a dextra solememente para o céu com um riso radiante de felicidade exclama:*) Deos! (*Cabe o panno.*)

FIM DO 4.º ACTO.

ACTO V.

MARTYRIO E CONSOLAÇÃO.

Acto V.

Sala decente em casa de Roberto. — Portas e janellas lateraes e do fundo. Roberto está sentado n'uma cadeira com o cotovelo do braço direito arrimado sobre a mesa e a face reclinada na mão com ar de profundo abatimento. Soão tres quartos de hora n'um relógio. — Roberto levanta-se.

SCENA I.

ROBERTO só.

Nove horas e tres quartos. Mais um instante... e já não existiráõ as minhas victimas. (*Passeia sombrio. Fabricio e Alfredo entrão da D. A. sem que Roberto os veja e enquanto se approximão fallão.*)

SCENA II.

ROBERTO, ALFREDO E FABRICIO.

ALFREDO A FABRICIO.

Sempre assim!

FABRICIO.

Muito tenho estranhado-o estes dias... (*Approxima-se de Roberto.*) Que tendes, Sr. Roberto?

ROBERTO.

Nem mesmo saber posso o que tenho. Sinto o

quer que seja n'alma que me afflige, que me acabrunha. Talvez será remorso, quem sabe?

ALFREDO (*rindo*).

Ora que lembrança?! Vós com remorsos, Roberto?...

FABRÍCIO.

Não me façais desconfiar do estado da vossa razão, senhor... Fallais em remorsos?

ROBERTO.

E porque não? Que feito de estupenda virtude hei praticado que me alevante alto na estima e consideração dos homens e pelo qual Deos um dia se amercêe de mim? Que fiz eu? Trabalhei para erguer no meio da praça, á luz do sol, em face dos homens, ante o céo, ante a natureza inteira, esse ente monstruoso, cujo corpo são tres forquilhas, cujos pés é uma escada, cuja cabeça é um carasco, cujo nome é forca? Sim... que fiz eu senão evocar do tumulto das éras o espectáculo espantoso, sacrilego, ensanguentado da cruz e do Christo no tremendo Golgotha? E o que aproveita tudo isto? Quantos cadafalsos não se tem levantado em vão? Como não ter eu remorsos?

FABRÍCIO.

Quereis hoje para vós aquillo que só pertence ao crime, Sr. Roberto?

ROBERTO.

E quem mais criminoso do que eu, cujo peito, a trasbordar de odio, nenhum outro sentimento abrigava, nenhum desejo nutria mais que o da vingança, tornando-me dest'arte surdo á voz do sangue

e da propria natureza. Julia! . . . o que será dessa infeliz donzella quando vier a saber que seu pai morreu n'um cadafalso? Cahirá no tumulto, e o seu grito de agonia extrema será um grito de maldição-trovejada sobre os dias tenebrosos do monstro que devorou-lhe sem piedade o futuro tão ridente, tão rico de esperanças!

ALFREDO.

O excesso da dôr vos faz delirar, Roberto.

ROBERTO.

Se alguma vez delirei foi sómente quando ardia na febre violenta e devoradora da vingança; passou-me a febre, estou debaixo do dominio da minha razão, e é por isso que hoje, se me fôra possivel, offerecer-me-hia para morrer em lugar daquelles infelizes, quando a minha vida valesse a vida de um povo, de uma nação inteira. (*Sahe.*)

SCENA III.

ALFREDO E FABRICIO.

FABRICIO (*á parte*).

Taes forão sempre os sentimentos que admirei no pai.

ALFREDO.

É singular o estado de Roberto! O homem que parecia viver sómente para a vingança, que buscava com todas as forças o aniquilamento dos Albuquerquees.

ESP.

7

FABRICIO.

Não, Sr. Alfredo; aquella alma conheço-a eu muito, porque a conheci no meu amo, pai delle. Da grande altura em que pára constantemente, não pôde descer á terra para nodoar a sua pureza com o lodo immundo das paixões más. Viver para impedir a correnteza caudal dos crimes não é viver para a vingança. Assim fôra se elle empenhadamente trabalhasse para lançar os Albuquerquees no fundo do abysmo em que se achão; porém tal não era o alvo a que elle apontava: ao contrario, muitas vezes, por cada um dos innumeros males que fazião-lhe os seus inimigos, mandava a Deos uma prece ardente de compaixão para elles. E bem vêdes que, se na quadra da vida em que as paixões freneticas e tumultuosas desvairão a razão mais perfeita, não fez o Sr. Roberto o terrivel sacrificio dos seus mais nobres, mais generosos sentimentos a essa ignobil paixão, digno é elle de admiração.

ALFREDO.

Bem conheço que immensa e justa deve ser a sua magoa no momento em que o carrasco vai levantar o braço para abater tres vidas que á custa da sua propria elle desejaria salvar; immensa e justa deve de ser a sua magoa no momento em que está prestes a render alma a Deos a mulher que ama como se fôra sua mãe, finalmente quando a morte de Jeronymo ameaça a existencia da desditosa Julia. Mas, Sr. Fabricio, vós não ignorais que tão generoso e elevado é o character de Roberto, quão violento e inconsiderado ás vezes. . . e pois eu temo. . . .

FABRICIO.

É nas grandes crises que os grandes homens se conhecem; portanto melhor conhecê-lo-heis hoje, Sr. Alfredo. (*Entra Francisco da direita triste e senta-se.*)

SCENA IV.

OS MESMOS E FRANCISCO.

FRANCISCO.

Oh!... coração de pedra que não estalasse à vista de semelhante quadro.

ALFREDO.

O que aconteceu, Francisco?

FRANCISCO.

O estado de Adelaide me assusta.

FABRICIO.

Que tem ella?

FRANCISCO (*levantando-se*).

Debruçada sobre o leito da moribunda, com o olhar scintillante e fixo, com o peito immovel e toda coberta de uma pallidez cadaverica, parece Adelaide antes uma estatua do que um ente vivo, Uma lagrima não treme-lhe nos olhos, a febre da! magoa queimou-lhe o pranto: um suspiro não geme-lhe nos labios, a força do soffrimento matou-lhe o coração! Temo que Adelaide enlouqueça.

ALFREDO.

A morte, o luto, a desesperação por toda a parte! Oh!... é impossível que a fatalidade pese sobre os homens com mais horror, com mais encarniçamento a um só tempo.

FABRICIO.

Eu mesmo que pelo muito soffrer ha tantos annos já me suppunha endurecido como o aço aos males da vida, eu mesmo á vista de tamanhos soffrimentos, sinto o coração despedaçar-se-me no peito. (*São dez horas no relógio.*)

FRANCISCO.

Dez horas! Soou o momento do supplicio.

ALFREDO.

Horriavel coincidencia! No mesmo dia, talvez á mesma hora, quem sabê? terão de comparecer os algozes e a victima diante do tribunal da justiça eterna!

FRANCISCO.

E o nosso velho amigo parece ter-nos abandonado justamente quando mais d'elle necessitamos.

FABRICIO.

Não lhe façais essa injustiça; elle é incapaz de abandonar-vos. Se não tem apparecido é que provavelmente motivo bem poderoso o chama para outro lado.

ALFREDO.

E dest'arte irremediavelmente irãõ morrer os Albuquerque. Orgulho humano! Eis o que são

as grandezas da terra quando o Omnipotente as quer abater ! Hoje restã sómente aos Albuquerque aquella horrorosa escada por onde breve subiráõ para sempre ao seio de Deos.

FABRICIO.

Eu ainda não perdi de todo as esperanças. Deos que teve o poder de arrancar do nada e que ao nada póde n'um momento fazer voltar de novo o universo, n'um momento tambem póde abater um cadafalsõ.

FRANCISCO.

Entretanto a estas horas talvez já não vivão.

FABRICIO.

Nem da cadêa sahirão ainda.

ALFREDO.

E como o sabeis ?

FABRICIO.

Carlos ficou de me vir chamar apenas elles partão.

ALFREDO.

Se não fôra o eu temer que algum dos seus amigos diga que eu, mal contente ainda com o infortunio dos Albuquerque, vou affronta-los na sua ultima agonia, iria vê-los passarem.

FABRICIO (*rindo-se sarcasticamente*).

E acreditais que aquelles, que no tempo do poderio delles dizião-se seus amigos, taes ainda se confessem ? Dirãõ que nunca os conhecêrão, como disse Pedro a Jesus Christo ; entretanto Christo era Deos e Pedro o melhor, o mais amado dos seus apóstolos. (*Entra Julia da direita alta.*)

SCENA V.

OS MESMOS E JULIA.

JULIA.

Ella acaba de expirar neste momento, Francisco, e os dias de Adelaide correm grande perigo; após um delirio horrivel está sem sentidos.

FRANCISCO.

Deos! Adelaide! (*Vão-se os tres.*)

JULIA só

(*sentando-se na cadeira em que estivera sentado Roberto.*)

Com a morte cessarão para D. Leonor os tormentos da vida e eu vivo ainda para padecer. Meu pai, que terá sido feito de vós? Talvez já das beiras do tumulto tenhais dito o adeos da eternidade a vossa filha que ignora o vosso destino, porque tudo é frieza, indiferença, mysterio em redor de mim! (*Entra Carlos.*)

SCENA VII.

JULIA E CARLOS.

(*Julia vendo Carlos recúa espantada murmurando.*)

JULIA (*á parte*).

Carlos! . . .

CARLOS (*á parte*).

Julia! . . . realisárão-se os meus desejos! . . .

JULIA (*á parte*).

Deos! vós m'o enviastes! (*Alto e ajoelhando-se aos pés de Carlos.*) Senhor... por compaixão... dizei-me: Que é feito de meu pai?

CARLOS (*á parte*).

Céos!... que lhe devo eu dizer! (*Alto.*) Senhora, vosso pai... (*Suspende-se.*)

JULIA (*instando*).

Oh!... por quem sois! não me negueis a verdade, qualquer que ella seja... tenho muito valor para ouvi-la, ainda que tendeis de annunciarme a sua morte.

CARLOS.

Pois quereis, ouvi-me: Vosso pai transpunha os primeiros degráos do cadafalso quando eu de lá parti. Certamente é elle agora um cadaver suspenso de uma corda.

JULIA (*erguendo-se violentamente*).

Elles me enganarão! Ah! (*Cahe desfallecida na cadeira.*)

CARLOS (*encarando-a*).

Oh! que nunca pudesse ella acordar! (*Com resolução sinistra*) E que vacillo ainda se o posso fazer? (*Tira da algibeira uma pistola.*) Infernal paixão que me converteste n'um monstro! (*Pausa, depois continúa:*) E comtudo eu fôra o mais feliz de todos os homens, o melhor, o mais generoso de todos elles, se me fôra dado lograr os encantos desta mulher. Não me foi possivel tamanha dita; serei pois o teu carrasco, mulher de to-

das a mais bella, a mais inexoravel. (*Aponta a pistola ao peito de Julia e começa a tremer.*) Oh!... que cobarde que sou! Não me atrevo! (*Julia solta um ai, Carlos cahe de joelhos aos pés della, toma-lhe as mãos e imprime-lhe ardentes beijos. Julia move-se, Carlos ergue-se e esconde-se n'um ângulo da sala.*)

JULIA.

Ah! (*Passeia a vista incerta em torno da scena murmurando:*) Meu pai!... (*Vai-se levantando e depois de breve pausa:*) Infames, traidores que me illudieis! Oh! cerrem-se para sempre os meus olhos sem que se pouse mais um instante sobre as vossas fronte malditas! Meu pai, breve estarei comvosco. (*Vai a sahir, Carlos dirige-se a ella.*)

CARLOS.

Senhora!...

JULIA (*voltando e recuando ao ver Carlos*).

Que me quereis?

CARLOS.

Dar-vos um meio que suavemente acabe com essa existencia que tanto o deiais.

JULIA (*com interesse*).

Oh!... dai-m'o. (*Carlos entrega-lhe a pistola, Julia recebe e beija-a.*) Quanto sois generoso, senhor!...

CARLOS.

Não vos demoreis, lembrai-vos de que vosso pai vos acena da eternidade.

JULIA.

Sim! partirei; breve o meu derradeiro pensamento será consagrado a vós que unico fostes a condoer-vos do infortunio da pobre orphãa. (*Sahe.*)

SCENA VIII.CARLOS só (*sentando-se*).

Ah!... meu coração! (*Pausa breve, depois continúa.*) Sim... ella vai morrer... (*Levantando-se.*) O egoismo infernal do meu amor será satisfeito. Não quiz, não pôde ser minha mulher, não sê-lo-ha mais de ninguem, não... nunca! (*Pausa breve.*) Oh!... como a deixei sahir? Ali... desfallecida... abandonada ao meu poder, aos meus caprichos, ao meu amor ou antes ao meu odio... Cobarde que não desfechei-lhe o golpe... (*Pausa, passeia alguns instantes:*) Mas ella morrerá! (*Riso tenebroso.*)

SCENA IX.

CARLOS, ROBERTO, ALFREDO E FABRICIO.

FABRICIO.

Muito vos demorastes, Carlos.

CARLOS.

Tive de acompanhá-los á praça do supplicio.

ALFREDO.

Partirão ha muito tempo?

CARLOS.

Ha um quarto de hora.

FABRICIO.

Agora sim... Forão-se todas as minhas esperanças. (*Roberto, que durante esse tempo dava mostras da mais dolorosa anciedade, cahe na cadeira arrepelando os cabellos.*)

ROBERTO.

Sobre a minha cabeça cáião todas as maldições do céu, todas as execrações da terra! (*Entra Affonso de Mello sempre embuçado.*)

SCENA X.

OS MESMOS E AFFONSO.

AFFONSO.

Está tudo concluído.

ROBERTO (*levantando-se*).

Está preenchida a tremenda cerimonia da morte, cumpristes a vossa missão do inferno.

AFFONSO.

Cahio-lhes o perdão sobre o cadafalso, estão salvos.

CARLOS (*á parte*).

Maldição !.. maldição !..

ROBERTO (*abraçando Affonso*).

Ainda mais um testemunho estupendo da grandeza da vossa alma, homem extraordinario. (*Soltando-se*) Oh! . . Julia torna a ser feliz!...

FABRICIO (*a Alfredo*).

Não enganou-me o coração, sempre isto esperei.

AFFONSO.

Onde está Julia?

ALFREDO.

Escusado é já pergunta-lo. Encerrada em seu quarto consome os dias e as noites unicamente em orações.

AFFONSO.

Pois bem; nada lhe digaes por ora, quero que ella saiba sómente quando tiver de abraçar seu pai.

ROBERTO.

Agora comprehendo a causa do vosso mysterioso silencio sobre o presente destino dos Albuquerque. Quizestes fazer-nos esta agradavel surpresa.

AFFONSO.

Não é esta a causa; eu vo-la digo: Nenhum beneficio nos impressiona tanto, nenhum tão profundamente nos commove como quando mais necessitamos d'elle. Assim, para que assaz proficuo fosse o effeito, reservei-me para annunciar-lo na hora extrema em que o conceder-se-

lhes novamente a vida, fôra-lhes um infinito de bemaventurança; e pois, temendo eu que viesse a transpirar a noticia antes de tempo, julguei indispensavel a ninguem revelar, nem mesmo a Fabricio com quem vivo e a quem perfeitamente conheço ha trinta e quatro annos bem compridos. (*Ouve-se ao longe*)

Viva o Sr. Roberto de Mello!

CARLOS (*á parte*).

Elles ahi vem! E Juliá ainda vive!.. inferno!..

ROBERTO (*com espanto*).

Que escuto? Meu nome!..

FABRICIO (*á parte*).

Deos! posso morrer satisfeito.

ALFREDO (*a Roberto*).

Para gozar da eternidade deste soberano momento é que eu daria cem annos de vida se um seculo pudesse eu viver. (*O povo torna a gritar, Roberto vai á janella e volta.*)

ROBERTO.

É singular!... Meu nome na bocca do povo.

AFFONSO.

Ouve-me, Roberto: Mal Jeronymo acabava de subir a tremenda altura, eu, embuçado, rompendo por entre a massa do povo, bradei alto e sonoro: —Perdão!—Para logo um confuso murmurio de extraordinaria surpresa derramou-se na multidão que instantes depois extatica deixou de respirar; o carrasco treme vendo a presa cahir-lhe das gar-

ras, as victimas erguêrão as fronte radiantes de esperanças, e eu mais forte ainda e já mais perto bradei segunda vez:—perdão!—Do seio das turbas ergueu-se uma onda immensa, frenetica, ruidosa de aclamações; immediatamente entrego o decreto de S. M. ao juiz que o acabando de ler perguntou meu nome. . .

ROBERTO (*interrompendo-o*).

Dissestes que vos chamaveis Roberto de Mello!

AFFONSO.

Tal foi a minha resposta e desapareci.

ROBERTO.

E que significa esse vosso procedimento?

AFFONSO.

Não quero que os Albuquerquees saibão que me devem a vida. . .

ROBERTO.

E crêdes que eu seja capaz de consentir que o meu nome resplandeça á luz da gloria de outrem? Nunca, nunca o espereis, senhor. (*Affonso toma Roberto pelo braço, decembuça-se e apparece em toda a sua sublimidade.*)

AFFONSO.

Roberto, ousarás desobedecer á voz de teu pai?

ROBERTO (*recuando de extrema surpresa*).

Oh! céos! (*Ajoelha-se sem poder fallar, e depois de algum esforço diz:*) Que é das minhas. . . palavras? . . . Eu enlouqueço. . . oh! . . . deixai-me beijar as vossas mãos (*beija*), abraçar-vos. . . (*abraça-o*).

FABRICIO (*com voz commovida*).

Deos, que valem mil seculos de dôres quando um momento destes basta para compensa-los?

ALFREDO *a Fabricio*.

Nada comprehendo.

FABRICIO.

Breve comprehendê-lo-heis. (*O povo grita ao pé da porta, Roberto solta-se dos braços do pai.*)

ROBERTO.

Sim!... Elles que entrem... quero receber as suas felicitações, quero ser hoje o seu idolo, o seu Deos, porque salvei-lhes a vida. (*Entrão os Albuquerque pelo fundo, após elle o povo, ao mesmo tempo que da direita entrão Henriqueta e Francisco, que, vendo Jeronymo ir adiante de Eduardo e de Jacintho abraçar Roberto, párao sorpresos.*)

SCENA XI.

OS MESMOS, os ALBUQUERQUES,
HENRIQUETA E FRANCISCÓ.

JERONYMO (*indo abraçar Roberto*).

Generoso Roberto!

ROBERTO.

Senhores Albuquerque, não é a mim que deveis a vida...

AFFONSO.

Silencio, Roberto!

ROBERTO (*continuando*).

Vós a deveis a este homem (*aponta*), vós a deveis a meu pai, a Affonso de Mello!

TODOS (*menos o povo e Fabricio*).

Affonso de Mello! (*Os Albuquerquees correm a abraça-lo e o povo grita:*) Viva o generoso Affonso de Mello! (*Com a vozeria do povo não se ouve o que diz Affonso aos Albuquerquees, de cujos braços soltando-se corre a abraçar Henriqueta e Francisco que vão ao seu encontro. Roberto nesta occasião sahe pela direita.*)

HENRIQUETA e FRANCISCO.

Meu pai! (*Abração-sc.*)

SCENA XII.

OS MESMOS MENOS ROBERTO.

AFFONSO.

No termo de vinte annos de sepulchro e de inferno de novo encontro a vida e o céo nos braços dos meus filhos!

FABRICIO *a Alfredo* (*indicando Affonso*).

Era assim mesmo que eu tanto desejava ainda vê-los um dia! Agora posso morrer satisfeito. . . (*Sahe Fabricio e Alfredo.*)

SCENA XIII.

OS MESMOS MENOS FABRICIO E ALFREDO.

AFFONSO *a Jeronymo.*

Nesta hora solemne tenho de pedir-te um favor, Jeronymo de Albuquerque.

JERONYMO.

A minha vida vos pertence, Affonso de Mello ; della podeis dispôr como vos aprouver.

AFFONSO.

Peço a mão de Julia para Carlos.

JERONYMO.

Como assim o quereis , outra não é a minha vontade.

CARLOS (*com ancia extrema*).

Oh! correi... ide... salva-la... (*Movimento de surpresa em todos.*)

HENRIQUETA (*com espanto excessivo*).

Que escuto? Julia!...

CARLOS.

Um momento mais e ella deixará de viver!...

HENRIQUETA (*com desesperação*).

Francisco voai... (*Francisco vai sahindo, ouve-se uma explosão.*) Oh! (*Querendo sahir.*) Julia!...

CARLOS (*apunhalando-se*).

Acaba de morrer. (*Cahe nos braços de Eduardo e Jacintho.*)

TODOS.

Ah ! . . .

JERONYMO (*com extrema desesperação*).

Minha filha! (*Vai entrando Julia a correr acompanhada de Roberto e Francisco.*)

SCENA XIV.

OS MESMOS, JULIA, ROBERTO E FRANCISCO.

ROBERTO.

Está salva !

JULIA.

Meu pai !

JERONYMO.

Julia ! (*Abração-se, reing silencio entre elles por alguns instantes. Carlos vendo-o destaca-se dos braços dos que o segurão e cahe nas convulsões da morte por terra.*)

CARLOS (*cahindo*).

Desgraçado . . . ah ! . . .

AFFONSO.

Barbaro destino ! . . . (*Senta-se prostrado.*)

ESP.

8

JERONYMO.

Minha filha, o que ieis fazer?

JULIA.

Certa de que terieis morrido, eu dispuz-me a morrer tambem. Encerrada em meu quarto depois de ter subido a Deos fervorosas preces pelo eterno repouso da vossa alma, eu ia descarregar o golpe quando Roberto disse-me que vós estaveis aqui; cahio-me das mãos a arma fatal que disparou cahindo. (*Abraçando-se de novo.*) Quanto amo agora a vida, meu pai!

JERONYMO.

Deos! arrependido me curvo aos vossos imperscrutaveis decretos e humilde prostro-me ante a vossa immensa magestade.

AFFONSO.

Quanto é sublime o arrependimento! (*Cabe o panno.*)

FIM DO DRAMA.

